



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

ÂNGELA MARIA DOS SANTOS

O USO DO HIPERTEXTO NO ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS

Campo Grande/MS
2015

ÂNGELA MARIA DOS SANTOS

O USO DO HIPERTEXTO NO ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Teorias da Linguagem e Ensino.

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

Campo Grande/MS

2015

S233u Santos, Ângela Maria dos

O uso do hipertexto no estudo dos gêneros textuais orais e escritos/ Ângela Maria dos Santos. Campo Grande: UEMS, 2015.

104f.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2015.

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

ÂNGELA MARIA DOS SANTOS

O USO DO HIPERTEXTO NO ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Daniel Abrão
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros de Carvalho
Universidade Federal Fluminense/UFF

Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins-Suplente
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/UFMS

Prof. Dr. Miguel Eugenio-Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 30 de julho de 2015.

A minha irmã Helena, por ter me incentivado a começar e a percorrer este caminho, por compartilhar angústias e dúvidas estendendo sua mão amiga, ouvindo-me com paciência nos momentos difíceis e não me deixando desanimar jamais.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que todos os dias me deu forças para não desistir.

Ao Prof. Dr. Orientador Nataniel dos Santos Gomes, por seu apoio, estímulo e bom humor tão necessários nas horas de cansaço e desânimo, além de sua competência, dedicação e especial atenção nas revisões e sugestões.

A minha família, pela paciência durante os meses de estudo, entendendo que minha reclusão era necessária.

Aos amigos e colegas da primeira turma do Profletras da Uems/Campo Grande, pelos muitos momentos de aprendizado, troca de experiências e conhecimento, sempre se incentivando durante este percurso. Em especial a Luciane, Milza e Osney por terem sido companheiros tão presentes nesta longa jornada.

A minha escola, local de trabalho e onde puder aplicar meu projeto de mestrado e que soube me apoiar e compreender todo o processo.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio financeiro através da concessão de minha bolsa de mestrado.

Enfim, a todos aqueles que de uma maneira ou de outra contribuíram para que este percurso pudesse ser concluído.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”. *Marthin Luther King*

SANTOS, Ângela Maria dos. O USO DO HIPERTEXTO NO ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2015.

RESUMO

A escola tem o grande desafio de formar leitores/escritores capazes de utilizar a língua de modo variado, produzindo diferentes efeitos de sentido e adequando o texto a diferentes situações e é papel da escola proporcionar ao aluno atividades de ensino-aprendizagem que possibilitem a ampliação de sua competência discursiva tanto oral como escrita utilizando-se de textos, que segundo os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais – de Língua Portuguesa é a unidade básica do ensino. Como os textos sempre se manifestam em um ou em outro gênero textual é importante conhecer as características e a situação real de utilização de cada gênero tanto para a compreensão como para a produção textual, pois se pressupõe que a linguagem seja utilizada de forma mais eficaz. Sabe-se que os jovens têm uma relação muito próxima com as mídias, pois as utilizam constantemente fora do espaço escolar, o que não quer dizer que acesso à informação seja aquisição de aprendizagem, principalmente em relação à leitura e à escrita. Assim, este trabalho traz a análise do uso de gêneros textuais orais e escritos nas aulas de língua portuguesa, utilizando o recurso do hipertexto em um blog por meio da aplicação prática com uma turma de 6º ano do ensino fundamental, com novas práticas de leitura e escrita através dos textos multimodais podendo ser uma ferramenta auxiliar ao professor de língua portuguesa. Assim, buscou-se observar e comparar através da leitura de escritores renomados da área como Marcuschi (2001, 2004 e 2005), Rojo (2012 e 2013), Coscarelli (2005 e 2011), Koch (2012), Schneuwly e Dolz (2004) dentre outros para dar suporte ao trabalho com os gêneros textuais através do uso do hipertexto, no qual será possível criar um espaço de diálogo e interação, melhorando assim o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: gêneros textuais; leitura; escrita; hipertexto; textos.

SANTOS, ANGELA MARIA DOS. THE USE OF HYPERTEXT IN THE STUDY OF ORAL AND WRITTEN GENRES. 2015.104 F. ESSAY (PROFESSIONAL MASTER OF LETTERS) - UNIVERSITY OF MATO GROSSO DO SUL, CAMPO GRANDE / MS, 2015.

ABSTRACT

Schools have the great challenge of educating readers and writers to be able to use different languages and thus to produce different effects of meanings, furthermore to adapt the text to different situations and it is schools' role to provide students with teaching and learning activities that would enable the expansion of its oral and written discursive skills using texts, which the NCP - National Curriculum Parameters – in which the Portuguese Language is the basic unit of teaching. As the texts always manifest themselves in one or the other genre, it is important to know the characteristics and the actual situation of using each genre in order to understand how to produce the text, because it assumes that the language is used more effectively. It is known that young people have a very close relationship with the media, due the constantly use outside school, which is not to say that access to information is the acquisition of learning, especially in relation to reading and writing. This paperwork contains the analysis of the oral and written genres in Portuguese Language Classes, using the hypertext feature in a practical blog application with a group of 6th grade of elementary school in which new reading practices and written through multimodal texts can be an auxiliary tool to a Portuguese teacher. Thus, we sought to observe and compare by reading renowned writers of the area as Marcuschi (2001, 2004 and 2005), Rojo (2012 and 2013), Coscarelli (2005 and 2011), Koch (2012), Schneuwly and Dolz (2004) among others to support the use of these genres through the use of hypertext, in which you can create a space for dialogue and interaction improving the teaching-learning process.

Keywords: genres; reading; writing; hypertext; texts.

Lista de Quadros

Quadro I - Diferenças entre fala e escrita	22
Quadro II – Aspectos tipológicos	25
Quadro III – Gêneros textuais emergentes na mídia virtual suas contrapartes em gêneros pré-existentes	27
Quadro IV – Esquema de sequência didática de <i>Dolz e Schneuwly</i>	55

Lista de figuras

Figura 1: O MEMEX idealizado pelo cientista americano <i>Vannevar Bush</i>	30
Figura 2: Gráfico do IBGE.....	40
Figura 3: Imagem do blog da turma do 6º ano.....	52
Figura 4: Pesquisa O que sei sobre links e hipertexto.....	52
Figura 5: Continuação da Pesquisa O que sei sobre links e hipertexto.....	53
Figura 6: Resumo de resposta das perguntas 1 e 2.....	53
Figura 7: Resumo de resposta das perguntas 3 e 4.....	54
Figura 8: Resumo de resposta da pergunta 5	54
Figura 9: Texto1- <i>Uma menina chamada Chapeuzinho Azul</i>	62
Figura 10: Continuação do texto <i>Uma menina chamada Chapeuzinho Azul</i>	63
Figura 11: Texto 2 – <i>O Rei Sapo</i>	65
Figura 12: Continuação do texto – <i>O Rei Sapo</i>	66
Figura 13: Post do blog sobre o conto de fadas <i>A princesa e o Sapo</i>	67
Figura 14: Texto de aluno - <i>Chapeuzinho Verde</i>	70
Figura 15: Continuação do texto de aluno - <i>Chapeuzinho Verde</i>	71
Figura 16: Texto de aluno – <i>Chapeuzinho Rosa</i>	72
Figura 17: Texto de aluno – <i>A festa no castelo</i>	73
Figura 18: Texto de aluno – <i>A princesa Ana Beatriz</i>	74
Figura 19: Atividade a partir de imagem	75
Figura 20: Texto de aluno – <i>A princesa e seu grande amor</i>	77
Figura 21: Texto de aluno – <i>O príncipe encantador</i>	78
Figura 22: Pesquisa Você e a Leitura.....	79
Figura 23: Resumo de resposta da pergunta 2.....	80
Figura 24: Resumo de resposta da pergunta 3.....	80
Figura 25: Resumo de resposta das perguntas 4 e 5.....	82
Figura 26: Pesquisa Você e a Internet – questões 1 e 2.....	84
Figura 27: Pesquisa Você e a Internet – questões 3 e 4.....	85
Figura 28: Resumo de resposta das perguntas 1 e 2.....	86
Figura 29: Resumo de resposta da pergunta 3.....	86
Figura 30: Resumo de resposta da pergunta 4.....	87
Figura 31: Texto de aluno – <i>Os inimigos</i>	90

Figura 32: Texto de aluno – <i>Entre cão e gato</i>	91
Figura 33: Texto de aluno – <i>O contrato com o Diabo</i>	93
Figura 34: Texto de aluno – <i>O Diabo e o granjeiro</i>	94
Figura 35: Imagem do Vídeo Conto Popular <i>O fazendeiro, o filho e o burro</i>	96
Figura 36: Texto de aluno – <i>O fazendeiro, seu filho e o burro</i>	98
Figura 37: Texto de aluno – <i>O fazendeiro, o filho e o burro</i>	99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
METODOLOGIA	17
1. A ESCRITA, A ORALIDADE E OS GÊNEROS TEXTUAIS: DEFINIÇÕES E APLICABILIDADE	19
1.1 O texto	19
1.2 Língua oral e Língua escrita	21
1.3 Tipologia Textual x Gênero Textual	24
2. O HIPERTEXTO COMO LEITOR DA ESCOLA E DO MUNDO	29
2.1 Breve histórico do Hipertexto	29
2.2 O que é Hipertexto	31
2.3 Tipos de Hipertexto: o blog como fonte de leitura e escrita por meio do hipertexto	33
2.4 Leitura e escrita no mundo virtual	35
3. TECNOLOGIA NO MUNDO E NO BRASIL: A QUESTÃO DO HIPERTEXTO NA ESCOLA	38
3.1 A tecnologia no mundo	38
3.2 A tecnologia no Brasil	39
3.3 A tecnologia na escola brasileira	42
3.4 Salas de tecnologias Educacionais em MS	44
3.5 Uso das novas tecnologias nas aulas de Língua Portuguesa	46
3.6 Aplicação do hipertexto nas aulas de Língua Portuguesa	48
3.7 A escola e as tecnologias	49
4. ANÁLISE DOS DADOS	51
4.1 Atividade com o gênero conto de fadas	55
4.2 Sequência Didática	57
4.3 Atividade a partir de imagem	75
4.4 Análise da pesquisa sobre Leitura	82
4.5 Análise da pesquisa sobre Escrita e Internet	88
4.6 Produção de textos – gênero textual fábula	89
4.7 Produção de textos – gênero textual conto popular	92
4.8 Texto a partir do vídeo <i>O fazendeiro, o burro e o filho</i> : organização da atividade..	95

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
6. REFERÊNCIAS	102

Introdução

Estamos vivendo em uma época de constantes mudanças, provocadas pelo surgimento de novas mídias que estão inseridas em todos os aspectos de nossa vida, e como não poderia ser diferente fazem parte também do cotidiano de nossos alunos, nativos digitais, que querem encontrá-las em seu cotidiano escolar.

A escola começa seu processo de transformação tecnológica com a aquisição de ambientes e equipamentos eletrônicos e preparação dos professores para lidar com estas novas mídias que devem de alguma forma, estar inseridas nos planejamentos dos professores e relacionadas aos conteúdos ministrados em sala de aula.

Com estas mudanças há também o surgimento de uma nova forma de escrita, chamada de letramento digital. Segundo Kleiman (2005, p.19), o letramento está relacionado com os usos da escrita em sociedade e com o impacto da língua escrita na vida moderna. Para Rojo (2013, p.8), se os textos da contemporaneidade mudaram as competências/capacidades de leitura e produção de textos, exigidas para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas. Percebemos assim, os novos usos dados ao letramento digital através das novas formas de leitura e escrita possibilitadas pelo hipertexto.

Para Xavier (2004, p.171), o termo hipertexto pode ser entendido como uma “forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”. Estes novos e variados tipos de textos exigem novos gêneros textuais, pois possuem características próprias (Marcuschi & Xavier, 2004) e, podemos nos referir a estes novos textos que circulam na *internet* de gêneros digitais, reconhecidos inclusive pela escola, pois já estão incluídos em seu currículo formal.

Percebe-se que os alunos/jovens, utilizam-se constantemente das mídias fora do espaço escolar, promovendo uma intensa aquisição de informação o que não quer dizer aprendizagem, principalmente em relação à leitura e escrita.

Eles estão *on-line* o tempo todo e nunca conheceram e não imaginam o mundo sem tecnologia digital. Estes jovens são a chamada geração Y, jovens que nasceram com acesso ao mundo tecnológico e que utilizam as mídias para fazer amizades, falar e marcar encontros e festas com os colegas, criar e editar seus perfis nas páginas de relacionamento, brincar, postar e enviar suas fotos, escolher os filmes que vão assistir, baixar suas músicas preferidas, etc.

A *internet* tem possibilitado à aquisição de novas práticas de leitura e escrita, através de textos multimodais, isto é, que misturam texto, imagens e som em um mesmo suporte.

Assim, utilizando-se de hipertextos como recursos à leitura e a escrita no mundo midiático, o professor de língua portuguesa poderá propiciar aos seus alunos um maior contato com uma ampla variedade de gêneros textuais orais e escritos, de acordo com as necessidades de informação e objetivos de aprendizagem, a partir de suas habilidades e das competências necessárias.

Todo texto organiza-se em algum gênero e conforme dizem Schneuwly e Dolz (2004, p. 65) sem eles não há comunicação, pois são fundamentais na escola que sempre trabalhou com eles, visto que a missão da escola é ensinar aos alunos a escrever e ler e toda forma de comunicação utiliza-se de algum gênero para circular e estruturar-se.

Há ainda as teorias mais recentes na área de educação e linguagem que falam da importância do trabalho com os gêneros textuais no trabalho de leitura e escrita e também o surgimento de novos gêneros textuais e a transformação de antigos, de acordo com as mudanças pelas quais passa a sociedade e que é preciso que a escola se aproprie, para preparar o aluno para a grande variedade de culturas presentes no mundo globalizado.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e também o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) tratam do assunto, investindo em material contendo os gêneros em suas várias formas, como os novos gêneros textuais, chamados de gêneros digitais ou midiáticos, intermediados pelo uso do hipertexto, que nesta pesquisa realizou-se em um blog criado para as atividades a serem realizadas.

Nesse sentido, este trabalho tem o objetivo de analisar a utilização dos gêneros textuais orais e escritos através do uso do hipertexto nas aulas de língua portuguesa, como ferramenta motivadora da leitura e capaz de tornar os alunos proficientes produtores de textos, apoiando-se em estudos de autores como Dolz e Schneuwly (2004) que tratam da questão dos gêneros e acreditam que é por meio de textos que o ensino da língua deve ser feito, assim, para que os alunos dominem diferentes gêneros é necessário que o professor construa estratégias de ensino, com o objetivo de levar o aluno ao desenvolvimento das capacidades necessárias para aprender e fazer uso com maior maestria dos gêneros trabalhados, e isso pode ser alcançado por meio de diferentes metodologias organizadas pelos professores.

Diante disso, objetiva-se discutir a importância da inserção dos gêneros textuais no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, uma vez que se acredita que eles colaboram, significativamente, no desenvolvimento da linguagem dos alunos, e funcionam como objeto e instrumento de trabalho para professores.

O trabalho está organizado em quatro capítulos e conclusão, sendo que trata no primeiro capítulo sobre os gêneros textuais orais e escritos. Neste capítulo discorre-se sobre a definição de gênero feita por vários autores e também se faz a diferenciação entre gêneros orais e escritos.

No segundo capítulo são analisadas as definições de hipertexto e a relação do mesmo com recursos como a *internet*, citando-se o caso do blog, além de analisar a relação da leitura e escrita no mundo virtual.

No terceiro capítulo são analisados os usos das tecnologias com o hipertexto, como se dá esta relação no mundo, no nosso país e também no estado do MS, por meio das Salas de Tecnologias Educacionais e como estas mídias são utilizadas na escola e nas aulas de língua portuguesa.

No quarto capítulo, apresentam-se as produções textuais coletadas e suas respectivas análises. Por fim, há as considerações finais, retomando as questões levantadas nesta pesquisa, analisando-as, para verificar se os objetivos propostos foram alcançados ou não.

Metodologia Utilizada

Este trabalho foi aplicado em uma sala com 36 alunos do 6º ano do ensino fundamental, no período vespertino, na Escola Estadual Floriano Viegas Machado, no município de Dourados/MS, no quarto bimestre do ano letivo de 2014 e durante o primeiro bimestre do ano letivo de 2015 nas aulas de língua portuguesa.

A escola tem 1057 matriculados e em sua maioria são filhos de comerciantes, empresários locais e funcionários públicos. A mesma funciona nos três períodos, atendendo do quarto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio. Oferece ainda cursos do PRONATEC e também têm duas salas de cursinho preparatório para o ENEM.

Sabe-se através de pesquisa/conversa informal realizada em sala de aula que os alunos possuem computadores e acesso à *internet* em suas residências, pois utilizam-na para a realização de pesquisas escolares, jogos *on-line* e também para acessar o *blog* que foi criado para a realização das atividades de leitura e produção textual com esta turma.

A pesquisa deste trabalho possuiu um caráter descritivo e foi usado o método qualitativo, sendo que foi criado um *blog* para o registro das atividades realizadas, bem como para a postagem de *links* para textos, vídeos, imagens e todo o conteúdo que se referir à utilização do hipertexto na realização de atividades de leitura e escrita dos diversos gêneros textuais orais e escritos. Assim, a base para o estudo e/ou pesquisa das atividades é o *blog* da turma: (<http://ler-escrever6.blogspot.com.br/>).

A primeira atividade realizada aconteceu na Sala de Tecnologia Educacional – STE – da escola, na qual cada aluno ou pequenos grupos de alunos foi apresentado ao *blog* e explicado, por meio de projetor, o objetivo de sua criação e como seria a utilização e desenvolvimento dos trabalhos realizados.

Estas atividades tiveram início a partir de um questionário para perceber a compreensão dos alunos sobre *links* e hipertextos, verificando se os mesmos tinham noção do *blog* como documento hipertextual. Os próximos passos foram: as atividades de leitura dos gêneros textuais estudados (que constam no referencial do estado do MS e outros), sempre com registro das atividades desenvolvidas por meio de vídeos, fotos e relatos escritos, tanto feitos pelos alunos como pela pesquisadora.

Também aconteceram atividades de produção e retextualização textual de acordo com o gênero textual escrito, tanto durante as aulas, na Sala de Tecnologia Educacional da escola, como também foram realizadas atividades extraclases, visto que a maioria dos alunos poderia acessar o *blog* fora do ambiente escolar e realizar as atividades de leitura e escrita.

Assim, as atividades referentes à produção textual foram trabalhadas sempre enfocando um gênero textual e sua tipologia e através do uso do hipertexto para que os alunos percebessem que é necessário trabalhar o desenvolvimento e aperfeiçoamento da leitura e da escrita, pois é preciso desenvolver a percepção de que o domínio destas habilidades facilita a comunicação, dá acesso à informação, possibilita expressar e defender uma posição em qualquer situação comunicativa possibilitando ainda construir e compartilhar visões de mundo e também produz conhecimento.

Os gêneros textuais trabalhados com esta turma de 6º ano foram os que se inserem na cultura literária ficcional como os contos de fada, as fábulas, as histórias em quadrinho e dentro dos gêneros orais, os contos populares.

1 – A escrita, a oralidade e os gêneros textuais: definições e aplicabilidade

No ato de comunicação, todo falante da língua portuguesa ao falar, ler, ou escrever, vai se comunicar por diferentes gêneros textuais, fazendo escolhas a cada momento, adaptando sua fala. O que na verdade se faz é escolher, mesmo sem que se dê conta, um gênero textual para as diferentes situações comunicativas das quais se participa.

A língua que falamos mostra na verdade a que grupo o indivíduo, apresentando-o uns aos outros, mostrando a identidade, seja pela forma, pela entonação, pelo sotaque, pelas escolhas sintáticas. Mas a escola ainda tem dificuldade em lidar com a oralidade de seus alunos, já que a escrita tem predominância na sociedade e é tida como símbolo de *status*.

O capítulo a seguir abordará estas questões sob a visão de alguns autores que analisam como o texto é tratado na escola e de que forma esta lida com questões como a oralidade trazida pelos alunos que nela chegam e que precisam utilizar os gêneros textuais adequando-os nas situações comunicativas.

1.1. O texto

O texto é a base do ensino-aprendizagem de língua portuguesa no ensino fundamental. E esse princípio já foi confirmado por diversas propostas curriculares, em diversos estados brasileiros, como menciona Rojo e Cordeiro (2004, p.7). Ele já foi um material que propiciava apenas atos de leitura e de produção. Também já foi considerado apenas suporte para o desenvolvimento de estratégias e habilidades de leitura e produção textual. Ainda assim, o que se constata é que os alunos terminam o ensino fundamental como leitores com baixo desenvolvimento leitor e produtor.

Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, produzindo diferentes efeitos de sentido e adequando o texto a diferentes situações e é papel da escola proporcionar ao aluno atividades de ensino-aprendizagem que possibilitem a ampliação de sua competência discursiva tanto oral como escrita utilizando-se de textos, que segundo os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais – de Língua Portuguesa é a unidade básica do ensino.

É preciso então fundamentar o estudo da fala e da escrita através da modalidade de usos em que estes se inserem e sobre a oralidade, os PCNs (1998, p. 24 e 25) afirmam que:

Acreditando que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola, as situações de ensino vêm utilizando a modalidade oral da linguagem unicamente como instrumento para permitir o tratamento dos diversos conteúdos (...) Mas, se o que se busca é que o aluno seja um usuário competente da linguagem no exercício da cidadania, crer que essa interação dialogal que ocorre durante as aulas dê conta das múltiplas exigências que os gêneros do oral colocam, principalmente em instâncias públicas, é um engano. Nas inúmeras situações sociais do exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola, a busca de serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões, os alunos serão avaliados (em outros termos, aceitos ou discriminados) à medida que forem capazes de responder a diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros do oral.

Ao ingressar na escola o aluno já conta com habilidades discursivas para comunicar-se em situações que envolvam o uso da língua, mas a escola não prioriza o ensino do texto oral nas inúmeras situações sociais do exercício da cidadania, como por exemplo, em uma leitura de texto durante as aulas ou dando voz ao aluno para posicionar-se perante um assunto do cotidiano e trabalhando com ele elementos próprios da linguagem oral como a entonação, pausa, expressões faciais, gestuais que auxiliam no processo comunicativo oral e em diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias dos diferentes gêneros do oral.

É função de a escola pôr o aluno em situações reais de comunicação para que o mesmo possa compreender as possibilidades de utilização dos gêneros textuais e também possibilitar ao aluno o domínio desse gênero, para que o conhecendo e compreendendo-o possa utilizá-lo na escola e fora dela, em qualquer situação que se apresente com práticas que façam sentido para o mesmo. Os PCNs ainda dizem que (1998, p. 25):

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc.
Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações.

Verifica-se a necessidade de trabalhar na escola com os gêneros orais visando à preparação do aluno para lidar com as situações da oralidade não apenas nos níveis formais de comunicação como também em atividades que representem e prepare-o para situações informais do cotidiano, levando em conta no ato de comunicação oral os gestos, a expressão corporal, expressão facial, a entonação, o ritmo, elementos estes que auxiliam o falante no ato comunicativo, pois estes são os recursos de que o falante dispõe para auxiliá-lo na oralidade, sendo que na escrita há normas gramaticais que envolvem o processo comunicativo, diferenciando assim a língua oral da língua escrita.

1.2. Língua oral e Língua escrita

Entende-se que não basta ensinar as características da linguagem oral, mas seu ensino deve acontecer em situações reais de práticas sociais, possibilitando ao aluno o uso efetivo da língua, em situações formais ou não, dependendo do contexto em que este estiver inserido e pode-se dizer que este ensino-aprendizagem é o resultado da união de três variáveis: o aluno, a língua e o próprio ensino.

Marcuschi (2008, p. 22) traz algumas indagações sobre oralidade e escrita na sociedade, nas quais ele questiona sobre em que condições e para que fins a oralidade é usada? Que tipo de conhecimento é o da escrita? Quais são os usos da oralidade e da escrita em nossa sociedade?

Neves (2013, p. 90) acredita que a escola tem que ser garantida como o lugar privilegiado de vivência de língua materna, seja ela falada, escrita, padrão ou não padrão, desde que usada em sua plenitude para falar, ler e escrever.

Percebe-se que a escrita tem usos diferentes na escola e fora dela. A escola de fato não insere os gêneros orais embora se aprenda a falar antes mesmo de ler e escrever. O ensino do gênero oral é utilizado na escola apenas como um meio para se chegar ao gênero escrito, que é mais respeitado e considerado.

A presença do gênero oral em sala de aula ocorre sempre atrelada à estrutura do gênero escrito conforme demonstram De Pietro e Wirthner (1996, p. 132 *apud* Dolz e Schneuwly 2004, p. 139) em uma pesquisa confirmando a tese de que o gênero oral continua fora da compreensão dos professores:

- o oral é principalmente trabalhado como percurso de passagem para a aprendizagem da escrita;
- os professores analisam o oral a partir da escrita;
- o oral está bastante presente em sala de aula, mas nas variantes e “normas” escolares, a serviço da estrutura formal escrita da língua;
- a leitura em voz alta, isto é, a escrita oralizada, representa a atividade oral mais frequente na prática (70% dos professores entrevistados).

Percebe-se então que a escola utiliza o gênero oral apenas como meio para chegar ao gênero escrito, mas não como um estudo puro e independente de qualquer traço da escrita, apesar da interação entre ambos ser inevitável.

Em nossa sociedade o texto escrito impôs-se ao texto oral, tornando-se símbolo de poder e desenvolvimento, embora a oralidade tenha uma primazia cronológica sobre a escrita, conforme diz Marcuschi (2008, p. 17 *apud* Stubbs, 1980). A oralidade não é superior à escrita, que não é a representação da fala, pois não consegue reproduzir fenômenos da

oralidade como gestos, movimentos do corpo, expressões faciais e outros e ainda ressalta que a escrita também tem seus elementos próprios que não são representados na fala como tamanho e cor de letra, por exemplo.

Pode-se dizer que mesmo criada depois da oralidade, a escrita está presente em quase todas as práticas sociais, mesmo de pessoas analfabetas, pois estas estão expostas a práticas de letramento – definido por Soares (2009, p.47) como o estado ou condição de quem não apenas não sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita – como usar um transporte público coletivo, reconhecer uma marca de refrigerante, por exemplo, práticas estas em que o uso da leitura e escrita estão fortemente presentes, mesmo que não no seu uso formal e que ocorrem assim à margem da escola.

A fala é adquirida naturalmente em contato com outros falantes da língua, enquanto manifestação social, pois é o meio pelo qual o indivíduo se insere no meio que vive, enquanto que a escrita é adquirida na escola, num contexto formal de práticas de letramento.

Marcuschi (2008, p. 43) diferencia a fala e da escrita na perspectiva do uso e não do sistema, pois a língua é um fenômeno heterogêneo, variável, histórico e social, indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático e que se manifesta em situações de uso concretas como texto e discurso.

Já Koch e Elias (2012, p. 16) fazem a seguinte diferenciação entre fala e escrita, conforme quadro abaixo:

Quadro 1: Diferenças entre fala e escrita

FALA	ESCRITA
contextualizada	descontextualizada
implícita	explícita
redundante	condensada
não planejada	planejada
Predominância do <i>modus pragmático</i>	Predominância do <i>modus sintático</i>
fragmentada	não fragmentada
incompleta	completa
pouco elaborada	elaborada
pouca densidade informacional	densidade informacional
predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	predominância de frases complexas, com subordinação abundante

pequena frequência de passivas	emprego frequente de passivas
poucas nominalizações	abundância de nominalizações
menor densidade lexicla	maior densidade lexical

As modalidades oral e escrita se complementam, cada uma guardando suas propriedades, mas essas não são exclusivas de uma ou outra, pois o gênero textual analisado é que permitirá o ingresso nesta ou naquela modalidade. Há textos escritos como o bilhete que se aproximam mais do oral, da fala conversacional e também textos orais que são mais próximos da escrita formal como uma entrevista profissional.

No entanto, ainda conforme Koch (2012, p. 16), nem todas estas características são exclusivas de uma ou outra modalidade e foram em sua maioria projetadas tendo como parâmetro a língua escrita, o que levou a uma visão preconceituosa da fala, como sendo, por exemplo, pouco organizada, sem planejamento, mas que possui características próprias, como o de ser dinâmica enquanto a escrita é estática.

A fala é considerada dinâmica, pois é um texto em construção, em processo, no qual o produtor planeja e verbaliza o conteúdo simultaneamente, no momento da interação, já que não há tempo para rascunhos, revisões e correções como acontece na escrita, por isso ser considerada estática, na qual a tempo de modificar, corrigir ou retomar o que foi previamente traçado.

A escrita faz parte das atividades diárias de uma sociedade seja porque todos são sempre solicitados a escrever textos, ou porque há a necessidade de leitura em várias situações dos textos dispostos em nosso cotidiano, por meio de bilhetes, valor do dinheiro, *outdoors*, placas, nomes de ônibus, bulas de remédios, etc.. Enfim, é uma modalidade de uso da língua que complementar à fala, conforme Marcuschi cita (2008, p.26).

A atenção à linguagem escrita ganhou dessa forma maior destaque que a linguagem oral, pois ser um indivíduo letrado, que domina a escrita, demonstra ser para a cultura de um povo que este é civilizado. Dessa forma, a alfabetização, que é função da escola, tem a função de formar indivíduos que saibam se comunicar através da leitura e da escrita.

Neves (2009, p.87) sobre isto diz que:

Nenhum pai, nenhuma família espera que a escola vá ensinar suas crianças a “falar”, pois elas já “falam” quando entram na escola, uma vez que, obviamente, o desempenho oral antecede o processo de educação formal. Estendendo as considerações para todo o entorno que cerca as reflexões sobre língua falada, ninguém espera que a escola constitua o espaço privilegiado da apreensão e da discussão da cultura popular, que é aquela que, por princípio, se veicula na

comunicação oral, e isso decorre da consideração de escola, privilegiadamente, como o “templo” do letramento, a instituição absolutamente responsável por ele.

Dessa forma, a escola que trabalha com a língua materna, deve lidar com todos os tipos de modalidades, sejam eles escritos ou falados, padrão ou não, preparando o aluno para as diversas ocorrências de uso da língua. E ainda é preciso na tratar na escola da diferenciação entre oralidade e escrita, pois ambas são práticas e tem usos com características próprias.

O próximo tópico tratado será a diferença entre tipologia e gênero textual que traz ainda alguma confusão a professores de língua portuguesa que permanecem na ideia de que toda produção de texto resume-se a narração, descrição e dissertação, embora aja muito material de leitura e pesquisa na área e seja tema de livro de vários autores.

1.3. Tipologia Textual X Gênero Textual

É impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero e também por algum texto. Assim, a comunicação verbal só acontece utilizando-se algum gênero textual que de acordo com Marcuschi (2010, p. 22) referem-se a textos materializados encontrados em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica e são inúmeros. Já os tipos textuais são uma espécie definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas) e que abrangem meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

Como os textos sempre se manifestam em um ou em outro gênero textual é importante conhecer as características e a situação real de utilização de cada gênero tanto para a compreensão como para a produção textual, pois se pressupõe que a linguagem será utilizada de forma mais eficaz.

Os gêneros caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos, que surgem de acordo com as necessidades ou as novas tecnologias, sendo que um gênero dá origem a outro. É possível verificar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes se compararmos com as sociedades anteriores à escrita, de acordo com Marcuschi (2010, p. 19), que diz que:

Uma simples observação histórica do surgimento dos gêneros revela que, numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII a. C., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura

impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação.

É possível perceber que com as novas mídias, principalmente as ligadas à comunicação surgiram novos gêneros textuais surgidos da intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Assim, grandes meios de comunicação como o rádio, a televisão, a revista, e o jornal vão abrigando e fazendo surgir novos gêneros ou adaptando ao meio midiático gêneros já existentes como os editoriais, as notícias, telegramas, telefonemas, teleconferências e bate-papos virtuais.

Agrupamento dos gêneros de acordo com o desenvolvimento da expressão oral e escrita, conforme o quadro 2, extraído de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.102):

Quadro 2 – Aspectos tipológicos

DOMINIOS SOCIAIS DE COMUNICAÇÃO	CAPACIDADES DE LINGUAGEM DOMINANTES	EXEMPLOS DE GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS
Cultural literária ficcional	NARRAR <i>Mimeses</i> ¹ da ação através da criação de intriga	Conto maravilhoso Fábula Lenda Narrativa de aventura Narrativa de ficção científica Narrativa de enigma Novela fantástica Conto parodiado
Documentação e memorização de ações humanas	RELATAR Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida Relato de viagem Testemunho <i>Curriculum vitae</i> Notícia Reportagem Crônica esportiva Ensaio biográfico

¹ Do gr. *mimesis*, “imitação” (*imitatio*, em latim), designa a acção ou faculdade de imitar; cópia, reprodução ou representação da natureza, o que constitui, na filosofia aristotélica, o fundamento de toda a arte. Heródoto foi o primeiro a utilizar o conceito e Aristófanes, em *Tesmofórias* (411), já o aplica. O fenómeno não é um exclusivo do processo artístico, pois toda actividade humana inclui procedimentos miméticos como a dança, a aprendizagem de línguas, os rituais religiosos, a prática desportiva, o domínio das novas tecnologias, etc. Por esta razão, Aristóteles defendia que era *amimesis* que nos distinguiu dos animais.

Discussão de problemas sociais controversos	ARGUMENTAR Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Texto de opinião Diálogo argumentativo Carta do leitor Carta de reclamação Deliberação informal Debate regrado Discurso de defesa (adv.) Discurso de acusação (adv.)
Transmissão e construção de saberes	EXPOR Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Seminário Conferência Artigo ou verbete de enciclopédia Entrevista de especialista Tomada de notas Resumo de textos "expositivos" ou explicativos Relatório científico Relato de experiência científica
Instruções e prescrições	DESCREVER AÇÕES Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem Receita Regulamento Regras de jogo Instruções de uso Instruções

A escola sempre trabalhou com os gêneros, seja um ou outro, pois se sabe que o gênero não é apenas ou tão somente instrumento de comunicação, mas ao mesmo tempo é objeto de ensino-aprendizagem. Os alunos vivenciam muitas situações em que a escrita é necessária e onde a produção de textos, utilizando algum gênero textual multiplica-se seja por textos orais ou escritos, inclusive através da utilização dos novos gêneros textuais.

Com as novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita e com o surgimento das novas mídias, principalmente a *internet*, presencia-se o surgimento de novos gêneros textuais ou ainda a assimilação de um gênero por outro, gerando assim um novo gênero, que é o caso, por exemplo, do *e-mail* que tem na carta e no bilhete o seu antecessor. Mas percebe-se que é um gênero novo, criado a partir de uma mídia virtual e que tem características próprias, diferentes de seus antecessores.

A tecnologia favorece o surgimento de novos gêneros textuais ou ainda a transmutação ou assimilação de um por outro gerando novos, fato já apontado por Bakhtin (1997, *apud*

Marcuschi 2010, p.21). Sobre estes novos gêneros textuais criados a partir da *internet* Marcuschi (2002, p. 14 e 15) fala que:

Uma das características centrais dos gêneros em ambientes virtuais é serem altamente interativos, geralmente **síncronos** (com simultaneidade temporal), embora **escritos**. Isso lhes dá um caráter inovador no contexto das relações entre fala-escrita. Além disso, tendo em vista a possibilidade cada vez mais comum de inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos etc.) e sons (músicas, vozes) pode-se chegar a uma interação com a presença de imagem, voz, música e linguagem escrita numa **integração de recursos semiológicos**. Quanto a isso, há outro aspecto nas **formas de semiotização** desses gêneros relativo ao uso de marcas de polidez ou indicação de posturas. São os conhecidos *emoticons* (*ícones indicadores de emoções*) ao lado de uma espécie de *etiqueta netiana* (etiqueta da Internet, tal como analisada por Crystal, 2001), trazendo descontração e **informalidade** à formulação (monitoração fraca da linguagem), tendo em vista a volatilidade do meio e a rapidez da interação. Contudo, estes aspectos não se distribuem por igual ao longo dos gêneros.

Sendo então característica dos gêneros virtuais a interatividade e a informalidade estes são facilmente aceitos e utilizados pelos estudantes que precisam escrever, mesmo que usando o *internetês*, - uma linguagem simplificada e informal, como por exemplo kd, vc, bjs, que surgiu no ambiente da *internet*, para tornar a comunicação mais rápida em sites de relacionamento, mensagens instantâneas e em *chats* e *blogs* – mas é função do professor de língua portuguesa trabalhar com os gêneros textuais e auxiliar seus alunos na apropriação das características próprias de cada gênero, ajudando-os a aproximar a linguagem escrita da norma padrão, mostrando-lhes que o uso da língua deve ser feito de acordo com a exigência da situação social do momento.

Assim, com o surgimento da *internet*, gêneros já existentes transformaram-se, adaptaram-se de acordo com a mídia usada, surgindo de acordo com as necessidades ou o surgimento das novas tecnologias.

Quadro 3 – Gêneros textuais emergentes na mídia virtual suas contrapartes em gêneros pré-existentes

	Gêneros emergentes	Gêneros já existentes
1	<i>E-mail</i>	Carta pessoal // bilhete // correio
2	<i>Bate-papo virtual em aberto</i>	Conversações (em grupos abertos?)
3.	<i>Bate papo virtual reservado</i>	Conversações duais (casuais)
4	<i>Bate-papo ICQ (agendado)</i>	Encontros pessoais (agendados?)
5	<i>Bate-papo virtual em salas privadas</i>	Conversações (fechadas?)
6	<i>Entrevista com convidado</i>	Entrevista com pessoa convidada
7	<i>Aula virtual</i>	Aulas presenciais

8	<i>Bate-papo educacional</i>	(Aula participativa e interativa???)
9	<i>Vídeo-conferência</i>	Reunião de grupo/ conferência / debate
10	<i>Lista de discussão</i>	Circulares/ séries de circulares (???)
11	<i>Endereço eletrônico</i>	Endereço postal

Conjunto de gêneros textuais surgidos na mídia virtual, embora nem todos sejam novos ou inéditos, centralizados nas atividades comunicativas da realidade social, pois como os gêneros são fenômenos sócios históricos e culturalmente sensíveis, não se pode fazer uma lista fechada de todos os gêneros integrando várias semioses, como sons, imagens e palavras.

Novos gêneros, como o e-mail, por exemplo, que é uma forma híbrida da carta, do telegrama, surgiram a partir das necessidades discursivas do falante. Há vários gêneros nessa categoria, que emergiram da hibridização ou intergenericidade, que segundo Marcuschi (2006) evidencia-se como uma mistura de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero, ocorrendo nas formas híbridas uma mescla de dois gêneros, em que um sempre está a serviço do outro, logo o gênero principal preserva sua função sócio-historicamente constituída.

Certamente trabalhar com o ensino de língua portuguesa a partir de gêneros textuais orais e escritos, utilizando-se de mídias como suporte ao trabalho com textos terá alguns obstáculos práticos como a questão da quantidade de computadores disponíveis para uso dos alunos, porém o objetivo proposto é incentivar a leitura e a escrita por meio de hipertexto que de acordo com Marcuschi (2001, p.83) consiste numa rede de múltiplos segmentos textuais conectados, mas não necessariamente por ligações lineares. Assim, cada leitor faz as escolhas de leitura que achar mais pertinentes aos seus objetivos e esta é a principal diferença entre hipertexto e os textos de livros e revistas tradicionais.

Dessa forma, pretende-se melhorar a busca pelo conhecimento por parte do aluno, bem como torná-lo um leitor e produtor de texto mais eficiente, capaz de elaborar textos nos mais variados gêneros textuais e utilizando-se de todas as mídias disponíveis.

No próximo capítulo será analisado o hipertexto, que é um texto composto por nós e conexões – *os links* – podendo ser acessado aleatoriamente de qualquer computador e por qualquer usuário, em qualquer lugar do mundo. Esta definição e outras, de autores que estudam o uso do hipertexto na educação será analisada no próximo capítulo.

2 – O hipertexto como leitor da escola e do mundo

Atualmente, as tecnologias imprimem transformações sociais provocando novas práticas de leitura e diferentes formas de acesso à informação e também de aquisição de cultura. As redes sociais e os ambientes virtuais são motivadores da leitura, dos diálogos, da comunicação, desenvolvendo habilidades inerentes no que se refere tanto as práticas de leitura quanto de escrita. Ampliou-se o uso da comunicação por meio do texto escrito e a utilização do hipertexto que pode ser formado por palavras, páginas, imagens ou parte de imagens que oferecem ao navegador diferentes trajetórias de leitura.

O leitor de um hipertexto deverá ter mais atenção ao ler e decisão constante para que sua pesquisa seja produtiva e ele construa nestas páginas virtuais seu caminho de leitor, saindo do tradicional sistema de leitura sequencial imposta pela cultura do papel impresso, experimentando novas formas de ler e de manipular os elementos que integram um texto hipertextual.

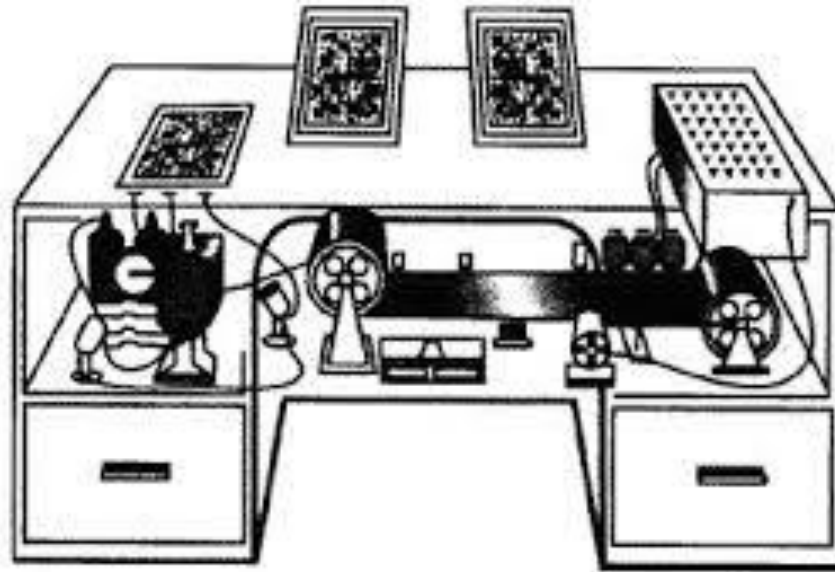
2.1 Breve histórico do hipertexto

Durante muito tempo os livros impressos foram o único meio de difundir o conhecimento vivenciado pela humanidade ao longo dos séculos de história.

Na década de 1940, o físico e matemático Vannervar Bush era diretor de uma agência civil conhecida como *Office of Scientific Research and Development* (OSDR), que firmava contratos de pesquisa e inovação com empresas privadas e universidades e também era uma autoridade importante na política científica norte-americana.

Ele é considerado o “pai” da ideia de hipertexto ao publicar um artigo em julho de 1945 na revista *The Atlantic Monthly*, intitulado *As we may think* fazendo um apanhado das invenções científicas oriundas do esforço de guerra dos Estados Unidos e o quanto estas poderiam ajudar o homem do pós-guerra a viver melhor. Ele publicou-as em uma máquina de arquivar memória, que era uma espécie de microfilme de memória – *Memex* – que teria a função não só de arquivar, mas também de buscar alguma informação solicitada pelo usuário.

O MEMEX idealizado pelo cientista americano Vannevar Bush



Em 1965, Theodore Nelson, um estudante de graduação em Harvard, apresentou um projeto em uma conferência nacional da *Association for Computing Machinery*, o projeto Xanadu, no qual ele trazia o termo “hipertexto”. Assim, o termo foi utilizado inicialmente por Theodor Nelson para definir a ideia de leitura e escrita não lineares e não sequenciais em um sistema de informática, mas a primeira ideia de hipertexto é atribuída a Vannevar Bush com o esboço do *Memex* que em linhas gerais, é um precursor do computador usado na atualidade. Sobre o trabalho de Bush, Aquino (2006, p. 5-6, *apud*) esclarece:

O que Bush pretendia não era hierarquizar o conhecimento, mas criar trilhas associativas que possibilitassem o acesso as informações através da relação, da conexão entre os assuntos. A internet armazena uma quantidade enorme de informações, mas é carente de um mecanismo de busca de informações mais eficiente. Quando digitamos palavras-chave nos buscadores atuais, estes nos “despejam” uma vasta quantidade de dados sem relacionar as informações obtidas e que dentro das quais, muitas são desnecessárias. Estes sistemas de busca atuais ainda não fazem associações entre os conteúdos, o que constituía o objetivo de Bush com a construção do Memex [...].

Cada *site* é um hipertexto criado parcialmente pelo autor que o organiza e parcialmente pelos leitores que tecem novos caminhos de acordo com sua preferência. Assim, como diz Xavier (2004, p.174) ler no hipertexto seria literalmente um ato de inteligência, desde que se utilizem adequadamente as múltiplas escolhas que ele oferece.

Isto distancia o educando/leitor/pesquisador da linearidade da página, mas ao mesmo tempo possibilita visualizar, ler, interpretar, interagir com imagens, sons, movimentos. O hipertexto não é linear, não obedece a uma forma, a uma hierarquia interna.

2.2. O que é hipertexto

Segundo Xavier (2004, p. 171), o hipertexto pode ser considerado “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”.

A compreensão dessa nova forma de leitura passa por uma nova postura frente à leitura e à escrita, pois a *internet* traz novas relações entre os sujeitos que tem urgência em adquirir informação, diminuir as distâncias, quer aproximando as pessoas, quer seja opinando sobre os fatos do cotidiano, postando suas fotos, imagens e impressões do mundo e de tudo o que o cerca.

Para Lévy, o hipertexto é (1993, p. 33).

Tecnicamente, um hipertexto é uma rede composta de nós ligados por conexões. Os **nós** podem ser palavras, páginas, imagens ou partes de imagens, seqüências sonoras, referência a documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos. Os nós não estão ligados linearmente, como em uma corda ou como nos elos de uma corrente mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Juntamente com o **visualizador** (browser) representa um tipo de sistema para a organização de conhecimentos ou dados, aquisição de informações e comunicação.

O termo hipertexto refere-se a um processo de escrita/leitura não linear e não hierarquizada e que permite o acesso ilimitado a outros textos de forma instantânea, sem que se siga necessariamente, seqüências ou regras. Esta é realizada pelas pessoas a todo o momento, ao acessar a *internet*, pois a todo o momento lemos, assistimos a um vídeo, clicamos em uma imagem, enviamos algum arquivo, sempre em forma de links, de páginas de hipertexto que acessamos de acordo com o interesse pela informação do momento. Por isso, o leitor do hipertexto é senhor do seu destino, escolhe o caminho de sua leitura.

A seguir, destacam-se algumas características do hipertexto, segundo Lévy (2006, p. 25):

- **Princípio de metamorfose:** a rede hipertextual encontra-se em constante construção e renegociação. Ela pode permanecer estável durante certo tempo, mas esta estabilidade é em si mesmo fruto de um trabalho.
- **Princípio de heterogeneidade:** os nós, as conexões de uma rede hipertextual são heterogêneos. Na memória serão encontradas imagens, sons, palavras, diversas sensações, modelos, etc., e as conexões serão lógicas, afetivas, etc. O processo sociotécnico colocará em jogo pessoas, grupos, artefatos, com todos os tipos de associações que pudermos imaginar entre estes elementos.

- **Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas:** o hipertexto é fractal, ou seja, qualquer nó ou conexão, quando acessado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede, e assim por diante, indefinidamente, ao longo da escala dos graus de precisão.
- **Princípio de exterioridade:** a rede não possui unidade orgânica, nem motor interno. Seu crescimento e diminuição, composição e recomposição dependem de um exterior indeterminado, como adição de novos elementos, conexões com outras redes, etc.
- **Princípio de topologia:** no hipertexto, tudo funciona por proximidade e vizinhança. O curso dos acontecimentos é uma questão de topologia, de caminhos. A rede não está no espaço, ela é o espaço.
- **Princípio de mobilidade dos centros:** a rede possui não um, mas diversos centros, que são perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, rizomas, perfazendo mapas e desenhando adiante outras paisagens.

Como demonstram os princípios citados acima, o hipertexto mostra-se um poderoso instrumento no processo de leitura e escrita, capaz de formar novas redes de significações e possibilitar um novo papel ao leitor do texto, tirando-o do papel/função apenas de receptor das informações, como também de produtor/autor do texto, na medida em que ao ler uma informação, pode interagir com comentários, “linkar” ou compartilhar a mensagem, postar uma imagem ou vídeo na página que está acessando.

A *internet* possibilita a leitura hipertextual, pois aciona referências diversas que o leitor tenha construído em sua trajetória leitora e a busca de sentido por novas referências para construir sentidos, com múltiplas possibilidades de associações. Na escola, especificamente nas aulas de língua portuguesa este universo é muito rico, sendo que as práticas de leitura e escrita propiciadas pelo meio digital são várias. É preciso direcionar as atividades do aluno, que está em um processo de formação e aquisição de suas habilidades leitoras e discursivas.

O professor precisa ainda lembrar-se sempre de que a cultura inicial do aluno, adquirida por ele no meio social em que o mesmo se insere é a cultura midiática, mas é usada apenas como meio de diversão e não como de busca por informação. Assim, é papel da escola possibilitar à aquisição de linguagens mais elaboradas utilizando também as mídias digitais como o hipertexto que está inserido em blogs, *twitter*, *facebook* e pode ser usado para aproximar o aluno de leituras que talvez ele não fizesse sozinho, como jornais de grande

circulação no país, revistas especializadas, sites de ongs, empresas e institutos que tragam informações que contribuam com a formação intelectual, ética e a conscientização do aluno na sociedade.

É possível que o professor aproveite a interatividade propiciada pelos blogs e redes sociais, por exemplo, que possibilitam novas formas de leitura e produção escrita utilizando o recurso do hipertexto e crie atividades nas quais o aluno possa interagir, dando significado às produções textuais veiculadas por ele, com espaços onde o aluno possa publicar seus textos, dando assim um significado maior para estes textos, propiciando mais visibilidade, em que o professor não seja apenas o único leitor do texto.

A relação professor/aluno passa a ser de parceria, pois o aluno leitor de hipertexto torna-se mais ativo na busca por conhecimento e responsável pelos acessos que fará na procura por estas informações, de acordo com os links que escolher. Dessa forma, o aluno terá a possibilidade de mais autonomia, o que contribui para que haja equilíbrio em uma sala heterogênea, na qual cada aluno tem seu tempo, seu ritmo de aprendizagem.

Mas essa relação texto/leitor alterou-se com o passar do tempo, pois não foi sempre assim. Na antiguidade, verifica-se que os manuscritos medievais e também os textos mais modernos não eram organizados da forma como hoje é possível analisar nos textos cujo suporte é o hipertexto, com sua organização e estrutura, como é o caso do site que é um conjunto de páginas da web, isto é, hipertextos acessíveis pela *internet* e também por meio do blog, recurso em que é possível, sem que o usuário pague pelo serviço, utilizar o hipertexto e modificar a relação entre leitura e escrita.

2.3 Tipos de hipertexto: o blog como fonte de leitura e escrita por meio de hipertexto

A *internet* possibilita novas formas de leitura e também de aquisição e distribuição do conhecimento, de informação. Porém, quanto maior for o número de informação, de conteúdo a ser acessado, mais difícil e complexo se torna o ato de ler e mais necessário se faz aprender a ler de múltiplas formas, integrando linguagens e mídias diversas, como em um blog.

O blog não foi criado, a princípio, para fins educacionais. Porém, apresenta características como interação, comunicação e construção coletiva que podem e devem ser usadas na educação, principalmente em aulas de língua portuguesa, como facilitadores da leitura e da escrita.

A palavra blog vem da abreviação de *weblog* – web (tecido, teia, também usada

para designar o ambiente de *internet*) e log (diário de bordo, registro). É um diário *on-line* que permite aos usuários registrarem diversos conteúdos que ficam disponíveis em ordem cronológica, com a vantagem de que possibilita um espaço para comentários dos leitores.

O blog é um espaço que pode ser acessado de forma restrita aos seus administradores, podendo este ser um indivíduo ou mesmo um grupo. Sua criação, hospedagem, edição, manutenção e publicação podem ser feita por meio de serviços gratuitos disponibilizados na *internet*. Tem como principal característica a interatividade e a dinamicidade. Tudo pode ser publicado e qualquer pessoa, de qualquer idade ou região pode criar um blog e postar informações que julgar importantes.

A escola pode utilizar este serviço e o professor de língua portuguesa explorar as várias possibilidades deste novo ambiente de aprendizagem que integra múltiplas semioses como os textos escritos, as imagens, animações e sons. Assim, é possível direcionar as aulas, dando oportunidade aos alunos de atuarem como agentes responsáveis por sua própria aprendizagem, com situações de pesquisa, leitura, seleção, análise e publicação de informação, contribuindo com as postagens através dos comentários, assim, o professor terá uma função mediadora, na qual estimule o aluno a criar, comparar, discutir, rever, perguntar e ampliar ideias, propiciando aos alunos condições para o desenvolvimento da capacidade de pensar crítica e logicamente.

Levando-se em conta a diversidade de gêneros textuais disponibilizados, sabe-se que a escola ainda se limita prioritariamente com o texto impresso e não prepara seu aluno para a leitura de textos em diferentes mídias. A própria escola não reconhece e assim não utiliza os textos do gênero midiático como recurso de prática diária, não inserindo-os em suas atividades diárias com os alunos, sendo que apenas o e-mail começa a inserir-se no contexto escolar, mas apenas entre os professores e ainda de forma restrita. O professor de língua portuguesa pode utilizar esta ferramenta como forma de comunicação com os alunos e produção textual que não é utilizada pelos alunos, mas atrai seu interesse por ser dinâmica e interativa e ainda possibilitar uma resposta rápida por parte do professor.

É importante que o professor, principalmente na disciplina de língua portuguesa, na qual o aluno tem a oportunidade de desenvolver suas habilidades de leitura e escrita - sendo este o foco do ensino e da aprendizagem -, proporcione aos alunos o contato com diferentes textos, em diferentes suportes e mídias, incorporando em sua prática de sala de aula as mídias digitais que fazem parte do cotidiano do aluno e precisam estar inseridas no contexto escolar para dar-lhe condições de manuseá-las adequadamente, como escrever e enviar um e-mail em um ambiente corporativo, por exemplo.

Sendo assim, é possível criar um blog e selecionar conteúdos da disciplina, postando textos, imagens, vídeos e links para outros sites relacionados aos conteúdos trabalhados nas aulas. A utilização do blog pode ocorrer tanto no horário de aula quanto em horário extra-aula, com os enunciados das postagens organizados de forma clara e objetiva.

A palavra do momento é interação. Assim, é preciso que o professor promova situações em que aconteçam atividades em que os alunos interajam entre si, com o professor e também com outras pessoas e o blog proporciona esta situação, ao compartilhar ideias, expor opiniões, pois está no *ciberespaço* acessível para que qualquer pessoa participe, postando, comentando ou respondendo a algum comentário.

Em um *chat* do Portal EducaRede (2013), respondendo a uma pergunta sobre o papel do professor na escola do futuro Moran diz que:

A escola do futuro será um conjunto de espaços e tempos, mais flexíveis nas propostas, mas sempre com a mediação de professores humanistas, confiáveis e competentes. O que faz uma boa escola são os bons profissionais, professores competentes e motivados. As tecnologias permitem que a informação seja acessada pelo aluno de qualquer lugar, mas a aprendizagem contextualizada, ao menos no começo, depende da mediação dos professores.

Ele ainda fala sobre pesquisa em sala de aula:

São aulas em que o fundamental não é o professor passar a informação, mas organizar situações em que os alunos, individualmente ou em pequenos grupos, busquem a informação (com a mediação do professor) e a contextualizem, a reelaborem, a comuniquem para todos, e a apliquem à sua realidade. Por isso o papel do professor é importante, não tanto como falante, mas como mediador.

O professor do século XXI precisa ser o motivador do seu aluno. Encorajar que o mesmo seja um pesquisador autônomo, independente, encorajando o trabalho em grupo, pois é em atividades compartilhadas que os alunos testam suas habilidades de interação social e assim podem por em prática suas habilidades de leitura e escrita, e consigam interpretar os textos que circulam na sociedade e reescrevê-los, se necessário.

2.4. Leitura e Escrita no mundo virtual

Oficialmente aprende-se a ler na escola. Também é nela que se aprende a escrever, utilizando-se para isso o texto impresso, através dos livros didáticos, livros de literatura, tabela periódica, mapas, enfim, outras tantas formas de se lidar com os processos de ensino e de aprendizagem.

Em sociedade tudo passa pelo mundo da escrita, desde o registro das memórias de um povo, de uma cultura, as leis de uma sociedade, as crenças, o conhecimento adquirido não é

mais restrito à oralidade, pois com a escrita o ser humano pode acumular e transmitir informação de uma geração a outra.

Marcuschi (2008, p. 16) diz que a escrita pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno.

No mundo moderno, as mídias digitais produzem novas formas de leitura e escrita que exigem novas práticas letradas, com textos multimodais que combinam imagens estáticas e em movimentos com áudios, cores e os links do hipertexto. Esses textos exigem novos letramentos e fazem com que a escola tenha outra postura perante textos de gêneros variados e em vários suportes, como se encontra na sociedade informatizada e globalizada de hoje.

Dias (2012, p. 99) fala sobre isso quando diz que:

A chegada cada vez mais rápida e intensa das tecnologias (com o uso cada vez mais comum de computadores, *Ipods*, celulares, *tablets*, etc.) e de novas práticas sociais de leitura e de escrita (condizentes com os acontecimentos contemporâneos e com os textos multissemióticos circulantes) requerem da escola trabalhos focados nessa realidade. Ocorre que, se houve e se há essa mudança nas tecnologias e nos textos contemporâneos, deve haver também uma mudança na maneira como a escola aborda os letramentos requeridos por essas mudanças.

Assim, é urgente a necessidade de a escola além de equipar-se das ferramentas digitais, o que depende de investimentos governamentais, precisa também mudar sua postura em relação à leitura e à escrita.

Rojo (2013, p.37) diz que:

O leitor já não é reverente ao texto, concentrado e disciplinado, mas disperso, plano, navegador errante; já não é receptor ou destinatário sem possibilidade de resposta, mas comenta, curte, redistribui, remixa. As fronteiras entre leitura e autoria se esfumam. Surge o “lautor” ou o “produsuário”.

A autora ainda fala (2013) que nem a tecnologias digitais nem os novos multiletramentos da cultura digital chegaram às práticas escolares, que continuam muito ligadas ao texto impresso, mas que essas são as novas práticas do cidadão do século 21.

É preciso aproximar os alunos dos novos gêneros dentro do ambiente escolar, pois os mesmos utilizam-nos em seu cotidiano, mas precisam apropriar-se dos mesmos em proveito próprio, na aquisição e organização conhecimento e informação.

Mas é preciso que a escola, no papel do professor conheça-os, prepare-se, planeje como utilizar e inserir estes novos letramentos – os multiletramentos -, pois os mesmos já fazem parte dos textos contemporâneos, das várias linguagens nas quais os alunos têm contato fora da escola. A escola pode ainda não tê-los aceito ou não saber como utilizá-los, pois segundo Rojo (2012, p.23):

- a) Eles são interativos; mais que isso, colaborativos;
- b) Eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]);
- c) Eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Estes novos textos exigem uma nova postura do leitor/autor do texto, não apenas com atitude interativa, mas também colaborativa, seja individual ou em grupos, o que importa é que o usuário que precisa sair do papel de receptor passivo e quer atuar, dar sua opinião, manifestar-se, interagir. As novas mídias digitais da *web* trazem esta característica e, são bem utilizadas nos diversos grupos sociais, seja para levantar fundos para uma instituição, auxiliar alguém que precisa de uma doação ou mesmo para organizar uma manifestação ou ato público.

A escola utiliza timidamente os recursos digitais de que dispõe, mas ainda tendo em sua relação com alunos e pais a utilização do texto escrito impresso como recurso tradicional, já que sente-se confortável com a segurança do material impresso. Mas é preciso atentar-se para o fato de que há novos gêneros digitais em circulação e a escola precisa apropriar-se deles, pois a sociedade utiliza-os e a escola deve preparar os alunos para interagir em sociedade com as ferramentas que esta utiliza. Assim, o uso do e-mail, chats, blogs, sites e outros deve fazer-se presente na escola, sendo utilizados como novas práticas de leitura e escrita do mundo contemporâneo e que exigem da escola mudanças em relação a estes novos letramentos.

3 - Tecnologia no mundo e no Brasil: a questão do hipertexto na escola

Com a globalização há a necessidade de informação em tempo real. A internet propicia cada vez mais e de forma mais aprimorada a produção e o compartilhamento de informações. Assim, é preciso que para integrar-se a estas novas práticas de leitura e escrita a escola modernize-se a fim de acompanhar o ritmo da sociedade, introduzindo em suas atividades o uso da *internet* e de ferramentas que possibilitem a interação como o hipertexto que pode ser encontrado em diversas situações na escrita midiática e que também pode ser usado em atividades que promovam a participação dos alunos, tornando-os não só leitores como também autores de textos midiáticos.

A escola, com função tão importante na sociedade do conhecimento, tem agora um aluno com novas posturas frente à aquisição e transmissão de informação, pois ora é o aluno que traz a informação de fora, ora é ele quem recebe as novas informações. Assim, tanto o professor quanto a escola em si precisam adaptar-se a estes novos tempos, apropriando-se de novas práticas de letramento que permitam a produção e circulação dos diversos gêneros digitais em circulação na sociedade.

3.1 A tecnologia no mundo

Vive-se em um mundo globalizado e este fato interfere diretamente na vida das pessoas mesmo que não estas não percebam, pois diversas mudanças acontecem o tempo todo. Com certeza, as tecnologias são responsáveis por muitos dos benefícios adquiridos pela população, uma vez que a sociedade passa a ter acesso a produtos e serviços que facilitam sua vida, além do que, a todo instante, novos produtos são criados para facilitar e satisfazer as necessidades que surgem.

No mundo atual, as inovações tecnológicas têm sido aliadas do homem ao trazer comodidade e praticidade para o trabalho e também conforto e bem-estar para suas horas de descanso e lazer. Há avanços tecnológicos em todas as áreas, sendo necessário destacarem-se aquelas voltadas para as áreas sociais, médicas, ambientais, sempre voltadas para o desenvolvimento das sociedades.

Existem várias mídias tecnológicas, que quando bem utilizadas, podem auxiliar professor e aluno, ou seja, o ensino e a aprendizagem melhorando a capacidade de adquirir, organizar, armazenar, analisar, relacionar, integrar, aplicar e transmitir informação. No próximo item, é feita uma análise de como o brasileiro está lidando com estas novas mídias.

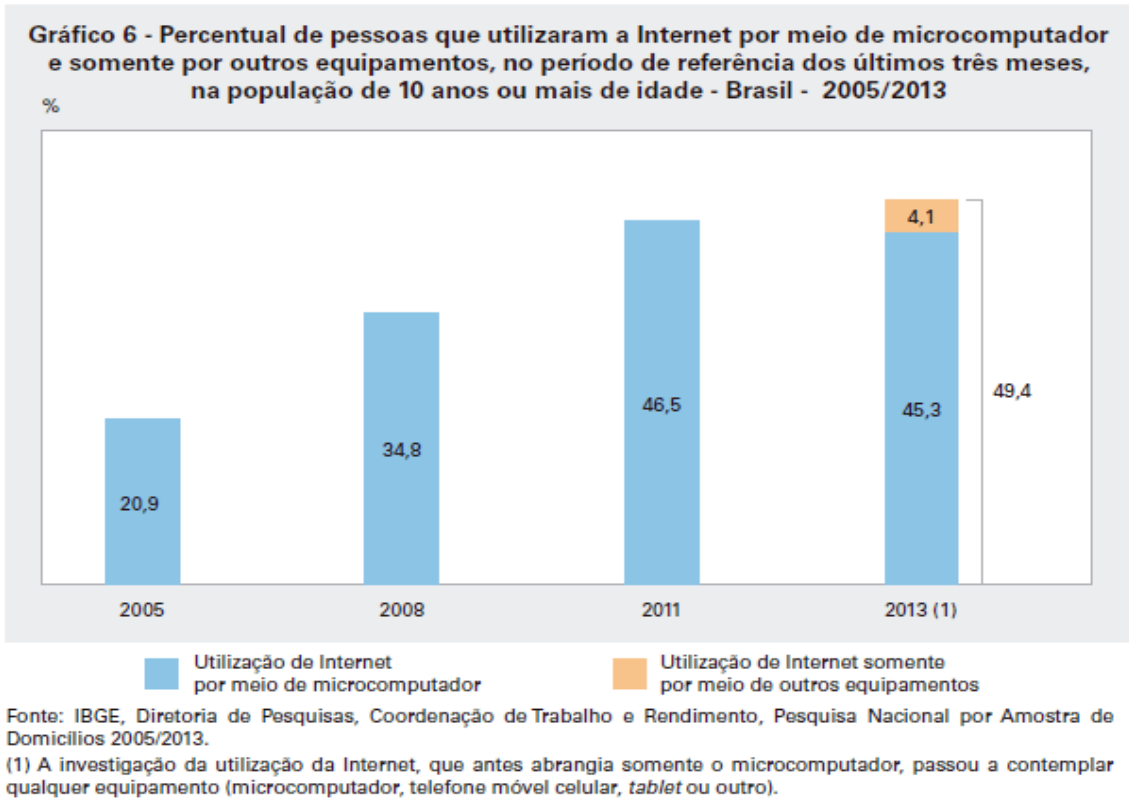
3.2 A tecnologia no Brasil

Em pesquisa divulgada recentemente, a Pnad 2013 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) constatou que 49,4% da população de 10 anos ou mais de idade (85,6 milhões de pessoas) tinham se conectado à *internet* e 48,0% (31,2 milhões) dos domicílios possuíam acesso à *internet*. O microcomputador foi o principal meio de acesso à *internet* nos domicílios (88,4%), mas o acesso via telefone móvel celular estava presente em 53,6% dos domicílios, enquanto o *tablet* em 17,2% deles. A banda larga estava presente em 97,7% (30,5 milhões) dos domicílios com *internet*, sendo que 77,1% (24,1 milhões) conectavam-se em banda larga fixa e 43,5% (13,6 milhões) em banda larga móvel.

A utilização da *internet* era mais frequente entre os jovens de 15 a 17 anos (75,7%) e crescia com a escolaridade, variando de 5,4%, na população sem instrução ou com menos de um ano de estudo, até 89,8%, entre as pessoas com 15 anos ou mais de estudo. A proporção de pessoas que acessavam era crescente conforme a renda, ultrapassando os 50% a partir da classe de um a dois salários mínimos.

Nos 63,3 milhões de domicílios com televisão (97,2% do total), foram contabilizados 103,3 milhões de aparelhos, sendo 38,4% (39,7 milhões) de tela fina e 61,6% (63,7 milhões) de tubo. Entre os domicílios com televisão, 31,2% recebiam sinal digital de TV aberta, enquanto a antena parabólica estava presente em 38,4% dos domicílios com televisão, com maior proporção nas áreas rurais (78,3%) e nos domicílios com menor renda (48,8% dos domicílios sem rendimento a $\frac{1}{4}$ do salário mínimo). Já a TV por assinatura era mais comum nas áreas urbanas (33,2%), com maior renda (74,9% dos domicílios com mais de cinco salários mínimos).

Em 2013, 85,6 milhões de pessoas de dez anos ou mais (49,4%) utilizaram a *internet* através de diversos equipamentos (microcomputador, telefone móvel celular, *tablet* e outros), pelo menos uma vez, nos três meses que antecederam à data de referência da pesquisa. Quando se considera a utilização por meio de microcomputador, este contingente foi de 78,3 milhões de pessoas (45,3%). Em 2013, 7,2 milhões de pessoas (4,1%) acessaram a *internet* apenas por meio de outros dispositivos, sendo que na região Norte, esse percentual foi de 8,7% (1,2 milhão de pessoas).



Em relação aos domicílios, 48,0% deles (31,2 milhões) tinham acesso à *internet*, sendo que, dos domicílios com acesso à *internet*, 42,4% (13,2 milhões) acessavam somente através do microcomputador e 3,6 milhões (11,6%) apenas por outros equipamentos. O microcomputador foi o principal meio de acesso à *internet*, utilizado em 88,4% dos domicílios com acesso. O telefone celular foi declarado por 53,6% e 17,2% disseram usar o *tablet*. A região Norte apresentou o maior percentual de domicílios que utilizavam o telefone móvel para o acesso à *internet* (75,4%), superando o acesso através do microcomputador (64,8%).

O acesso à *internet* feito exclusivamente pelo telefone móvel celular ou *tablet* superou o microcomputador em Sergipe (28,9% por telefone celular/*tablet* versus 19,3% por computador), Pará (41,2% versus 17,3%), Roraima (32,0% versus 17,2%), Amapá (43,0% versus 11,9%) e Amazonas (39,6% versus 11,1%), embora a utilização do microcomputador como único equipamento para o acesso à *internet* tenha prevalecido na maioria das unidades da federação. Rondônia apresentou o maior percentual de acesso exclusivo via microcomputador (61,1%), enquanto que Santa Catarina teve a menor proporção de acesso exclusivo através de telefone móvel celular ou *tablet* (5,0%). Observa-se, ainda, que 7,1 milhões (10,8% do total) de domicílios possuíam *tablet*, sendo que mais da metade (3,9

milhões) estava no Sudeste e 278 mil no Norte, representando, respectivamente, 13,8% e 5,9% dos domicílios das regiões.

A análise por distribuição etária mostrou que, em 2013, a utilização da *internet* ainda é mais frequente dentre os mais jovens: a maior proporção foi alcançada pelo grupo de 15 a 17 anos (75,7%). Em todas as faixas compreendidas entre 10 a 39 anos, o uso da *internet* ultrapassava 50%, e os percentuais decresciam com o aumento da idade, chegando a 12,6% entre as pessoas de 60 anos ou mais. Já a observação por sexo mostrou que não havia diferença significativa na utilização da *internet* por homens (49,3%) e mulheres (49,5%).

Os estudantes representavam 32,4% (27,8 milhões) dos usuários da *internet*. Do total de estudantes da rede pública (28,0 milhões), 68,0% (19,1 milhões) utilizavam a *internet*. Já na rede privada, dos 9,0 milhões de estudantes, 96,3% (8,7 milhões) utilizavam a *internet*. Embora 67,6% (57,8 milhões) dos usuários da *internet* fossem não estudantes, sua utilização mostrou relação direta com os anos de estudo, indicando proporções crescentes entre os mais escolarizados, indo de 5,4% na população sem instrução e menos de 1 ano de estudo até 89,8% entre os com 15 anos ou mais de estudo.

Em 2013, o percentual de pessoas que tinham telefone móvel celular para uso pessoal era maior entre os não estudantes (76,6%), do que entre os estudantes (69,9%). Mas enquanto na rede privada de ensino, o percentual de estudantes com celular era de 92,8%, na rede pública esta proporção era de 62,6%. A Pnad mostrou, também, que entre as pessoas sem instrução ou com menos de um ano de estudo, o percentual passou de 8,4%, em 2005, para 39,8%, em 2013.

Os maiores crescimentos no período ocorreram entre aqueles com 4 a 7 anos de estudo (de 26,8 para 67,4) e entre aqueles com 8 a 10 anos de estudo (de 43,5% para 83,7%). Na faixa de 11 a 14 anos de estudo, o percentual, em 2013, era de 92,2%, e entre as pessoas com 15 anos ou mais de estudo, esta proporção alcançava 96,3%.

A partir dos dados relatados acima, constata-se que a tecnologia já chegou à casa dos brasileiros, sendo principalmente utilizada pelas pessoas com mais escolaridade, com mais acesso à informação e à cultura e também pelos mais jovens. Assim, é necessário agora que a escola faça parte deste mundo digital e utilize as mídias de que dispõe para fazer com que seu aluno use na escola o que já é de hábito manusear em sua rotina, apenas que o faça em benefício de sua aprendizagem intelectual.

3.3 A tecnologia na escola brasileira

Segundo Almeida (2004, p. 8), para alcançar o patamar de uma sociedade da leitura, da escrita e da aprendizagem, é preciso enfrentar inúmeros desafios, vários deles existentes no interior da escola. Entre estes últimos, os mais contundentes são:

- a dessacralização do laboratório de informática e da senha do computador;
- o acesso à tecnologia de informação e comunicação por todos que atuam na escola (dirigentes, professores, funcionários, alunos e comunidade escolar);
- o uso dessa tecnologia para a compreensão de problemáticas relacionadas ao cotidiano, as quais rompem com as fronteiras disciplinares, articulam distintas áreas de conhecimento e, ao mesmo tempo, propiciam o aprofundamento de conceitos específicos e levam à produção de novos conhecimentos;
- a flexibilização do uso do espaço da escola e do tempo de aprender;
- o desenvolvimento da autonomia para a busca e troca de informações significativas em distintas fontes e para a respectiva utilização dos recursos tecnológicos apropriados a cada atividade em desenvolvimento;
- a abertura à novas formas de representação escrita que rompem com a linearidade do texto impresso.

A pesquisa TIC Educação 2012, realizada pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação – CETIC.br entrevistou 1,5 mil professores de 856 escolas de todo o país e constatou que praticamente todas as escolas brasileiras têm um computador e 92% delas estão conectadas à *internet*. Os problemas aparecem quando se constata que o número de computadores em cada escola ainda é insuficiente para o número de alunos por sala, eles costumam ser instalados em locais inadequados ao uso pedagógico e a conexão à *internet* tem baixa velocidade nas escolas públicas. Além disso, falta capacitação aos professores para usar as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) no ensino.

Andrea Bergamaschi, gerente de projetos do Todos Pela Educação, salienta que a mera existência dos equipamentos na escola de nada adianta. Deve haver integração entre a tecnologia e a proposta pedagógica do ensino público brasileiro, já que o aluno de hoje já tem um contato frequente com computadores e com a *internet* – ele é um nativo digital. O professor é quem precisa de formação para saber como integrar sua prática pedagógica às mídias incorporadas ao contexto escolar.

Em 2007 foi publicado em Diário Oficial pelo Presidente da República um decreto, no qual o Programa Nacional de Tecnologia Educacional - ProInfo, executado no âmbito do Ministério da Educação, tinha como objetivo promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica. Objetivos do ProInfo:

I - promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas escolas de educação básica das redes públicas de ensino urbanas e rurais;

II - fomentar a melhoria do processo de ensino e aprendizagem com o uso das tecnologias de informação e comunicação;

III - promover a capacitação dos agentes educacionais envolvidos nas ações do Programa;

IV - contribuir com a inclusão digital por meio da ampliação do acesso a computadores, da conexão à rede mundial de computadores e de outras tecnologias digitais, beneficiando a comunidade escolar e a população próxima às escolas;

V - contribuir para a preparação dos jovens e adultos para o mercado de trabalho por meio do uso das tecnologias de informação e comunicação; e

VI - fomentar a produção nacional de conteúdos digitais educacionais.

Art. 2º O ProInfo cumprirá suas finalidades e objetivos em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, mediante adesão.

Art. 3º O Ministério da Educação é responsável por:

I - implantar ambientes tecnológicos equipados com computadores e recursos digitais nas escolas beneficiadas;

II - promover, em parceria com os Estados, Distrito Federal e Municípios, programa de capacitação para os agentes educacionais envolvidos e de conexão dos ambientes tecnológicos à rede mundial de computadores; e

III - disponibilizar conteúdos educacionais, soluções e sistemas de informações.

Art. 4º Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios que aderirem ao ProInfo são responsáveis por:

I - prover a infraestrutura necessária para o adequado funcionamento dos ambientes tecnológicos do Programa;

II - viabilizar e incentivar a capacitação de professores e outros agentes educacionais para utilização pedagógica das tecnologias da informação e comunicação;

III - assegurar recursos humanos e condições necessárias ao trabalho de equipes de apoio para o desenvolvimento e acompanhamento das ações de capacitação nas escolas;

IV - assegurar suporte técnico e manutenção dos equipamentos do ambiente tecnológico do Programa, findo o prazo de garantia da empresa fornecedora contratada.

Parágrafo único. As redes de ensino deverão contemplar o uso das tecnologias de informação e comunicação nos projetos político-pedagógico das escolas beneficiadas para participarem do ProInfo.

A partir então da criação deste decreto, houve a criação de outras salas de tecnologias e implementação de alguns programas que serão comentados no próximo capítulo.

3.4 Salas de Tecnologias Educacionais em MS

Conforme informações do Ministério da Educação – MEC, o Programa Nacional de Tecnologia Educacional – ProInfo – é um programa educacional criado pela Portaria nº 522/MEC, de 9 de abril de 1997, para promover o uso pedagógico de Tecnologias de Informática e Comunicações, as TICs, na rede pública de ensino fundamental e médio.

Foram montados 418 núcleos de tecnologia educacional (NTEs) no país. Os núcleos contam com equipe interdisciplinar de professores e técnicos qualificados para oferecer formação contínua aos professores e assessorar escolas da rede pública no uso pedagógico e na área técnica (hardware e software). Os NTEs são braços da integração tecnológica nas escolas públicas de ensino básico.

O estado com maior número de núcleos é São Paulo (94), seguido do Paraná (35), e do Rio Grande do Sul (33). Apesar de montados pelo ProInfo com equipamentos adquiridos pelo Ministério da Educação, os núcleos estão subordinados às secretarias de educação. Alguns governos estaduais assumiram os NTEs como parte de sua estrutura.

Na Região Sudeste estão instalados 148 NTEs; na Nordeste, 96; na Sul, 83; na Centro-Oeste, 47; na Norte, 44. Além de capacitar profissionais para prestar suporte pedagógico e técnico às escolas, os núcleos são utilizados para pesquisas, reciclagem de conhecimentos e disseminação de experiências pedagógicas.

Para participar do ProInfo, a escola deve apresentar à coordenação estadual do programa, na Secretaria de Educação do estado, um projeto político-pedagógico de uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) na educação e formalizar o compromisso de prover a infraestrutura para o adequado funcionamento dos núcleos.

De acordo com Feitosa *et all*, no Mato Grosso do Sul, foram selecionados professores com perfil para a utilização das novas tecnologias, que foram capacitados por meio do *Curso de Especialização em Informática na Educação*, oferecido pela Universidade Federal de Mato

Grosso do Sul (UFMS), para atuar nos primeiros NTE criados no estado. Ao final de 1998, esses educadores retornaram para a região onde trabalhavam e iniciou-se, dessa forma o processo de planejamento e atuação dos NTE em 1999, primeiro em Campo Grande com a criação do NTM do Centro Municipal de Tecnologias Educacionais Campo Grande (CEMTE/CGR), da Secretaria Municipal de Educação de Mato Grosso do Sul (SEMED/MS), e implantação destes nas escolas. Em 2001, a parceria entre ProInfo/MEC e Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) criou o segundo curso de formação em pós-graduação para atuação no NTE, desta vez na modalidade a distância, não mais restrito a Mato Grosso do Sul, estendido a todo o Brasil com a participação de nove professores de NTE/NTM.

O estado foi, então, organizado em quatro regiões estratégicas e, conforme ato do Governo de Mato Grosso do Sul, criaram-se os quatro primeiros NTE, localizados respectivamente: na capital, NTE de Campo Grande; na região do bolsão Sul-Mato-Grossense, NTE de Três Lagoas; no Sul do estado, NTE de Dourados, e na região Oeste do estado, NTE de Corumbá. No ano seguinte, foi criado o Centro Municipal de Tecnologia Educacional de Campo Grande (CEMTE/CGR).

Nos primeiros tempos, de 1999 a 2003, na SED/MS, sob a orientação da Coordenadoria de Desenvolvimento Pedagógico (CODEPE), as ações do NTE, apesar de fundamentadas nos princípios teóricos norteadores do Programa, eram praticamente elaboradas pelos professores pioneiros do projeto conforme diretrizes traçadas em cursos de pós-graduação.

No ano de 2007, foram criados mais seis NTEs em regiões estratégicas e, no ano de 2008, foi criado o NTM da Secretaria Municipal de Dourados/MS, contribuindo, assim, para a melhoria do atendimento às escolas públicas que em sua maioria contam com as salas de tecnologia educacional para atendimento de sua comunidade escolar. Ainda nos anos de 2006 e 2007 a Secretaria Estadual de Educação através de parcerias entre ProInfo/MEC e Pontifícia Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), atendendo a um número maior de cursistas dos NTE existentes no estado realizou a 2ª oferta de cursos de pós-graduação (ProInfo/MEC e PUC/RIO) e também a 4ª oferta do curso *Mídias na Educação*, outra parceria entre ProInfo/MEC e UFMS, que marcou o processo de descentralização de ofertas, agora não mais centradas na capital. Foram criadas, então, as cidades-polo para melhor atendimento aos cursistas (Campo Grande, Dourados, Ponta Porá, Três Lagoas).

Foram oferecidos aos professores cursos à distância, na plataforma e-proinfo do Mec como o curso *Tecnologias na Educação Escolar*, integrando-se políticas públicas federais, estaduais e municipais e com o ProinfoIntegrado e com ele os cursos: *Introdução à Educação*

Digital – Linux, quarenta horas (2008) e *Tecnologias na Educação: Aprendendo e Ensinando com as TIC*, cem horas (2009).

Até 2009, as salas de tecnologia tinham um professor em cada período do funcionamento, com a função de gerenciar e incentivar os demais professores na utilização das mídias digitais disponíveis na escola, principalmente a utilização dos computadores. Atualmente, há um professor-gerenciador das mídias, responsável por organizar e manter o funcionamento do ambiente, agendamento dos horários para os professores que queiram utilizar a sala e que fica responsável pelos computadores e também pelas outras mídias na escola, como os aparelhos de sons, data show, os equipamentos da sala de vídeo e outros.

3.5 Uso das novas tecnologias nas aulas de Língua Portuguesa

As aulas de língua portuguesa são um terreno fértil para a utilização dos vários tipos de mídias de que as escolas públicas dispõem. Mas há muitos entraves a serem vencidos, que talvez o próprio uso destes recursos possa ajudar, pois o aluno não gosta de ler nem de escrever. Este é o primeiro problema a ser resolvido. Como motivar o aluno para a leitura e a escrita?

Os novos letramentos talvez sejam um caminho. Expor o aluno a vários gêneros, possibilitando-o construir sentidos e com múltiplas possibilidades de associações auxilia o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita que o professor de língua portuguesa tanto busca. Para isso, é possível utilizar os novos gêneros textuais como o e-mail, os *chats*, o *Facebook*, como forma de exercitar a leitura e a escrita em documentos hipertextuais, utilizando-se dos recursos próprios destas mídias.

Há que se pensar ainda que ensinar e aprender com as novas mídias, principalmente a *internet*, é um processo muito mais complexo. O professor precisa ensinar seu aluno a ser um pesquisador, a procurar o que de fato lhe interessa o que realmente é pertinente ao assunto de sua pesquisa, pois no mundo virtual há informações demais, muitas fontes disponíveis e vários pontos de vista sobre um mesmo assunto. É preciso que o professor saia de sua zona de conforto e reaprenda a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que vale a pena fazer para aprender, juntos ou separados. Com a *internet* e outras tecnologias surgem novas possibilidades de organização das aulas dentro e fora da escola.

Moran (2013, pg.10) fala sobre o papel do professor:

O educador continua sendo importante, não como informador nem como papagaio repetidor de informações prontas, mas como mediador e organizador de processos.

O professor é um pesquisador – junto com os alunos – e articulador de aprendizagens ativas, um conselheiro de pessoas diferentes, um avaliador dos resultados. O papel dele é mais nobre, menos repetitivo e mais criativo do que na escola convencional.

O professor agora deve ser um articulador de saberes e não mais um fornecedor único de conhecimentos, isto é, um gestor de aprendizagens, um motivador da aprendizagem pela descoberta, não mais um transmissor de informações prontas. Mas para isso acontecer é preciso primeiramente que haja preparação, estudo, leituras, por parte de quem vai ensinar e adotar esta nova postura.

Moran (2013) ainda fala sobre quais ações este professor, com novas práticas educativas pode adotar para motivar seu aluno a ser um pesquisador, autônomo, responsável pela busca de seu conhecimento:

Os professores podem ajudar os alunos incentivando-os a saber perguntar, a enfatizar questões importantes, a ter critérios na escolha de informações digitais, de avaliação de páginas web, a comparar textos com visões diferentes. Os professores podem focar mais a pesquisa do que dar respostas prontas. Podem propor temas interessantes e caminhar dos níveis mais simples de investigação para os mais complexos; das páginas mais fáceis e estimulantes para as mais abstratas; dos vídeos e narrativas impactantes para os contextos mais abrangentes e assim ajudar a desenvolver um pensamento arborescente, com rupturas sucessivas e uma reorganização semântica contínua.

Os recursos digitais ou as novas tecnologias podem apoiar o professor de língua portuguesa no sentido de motivar os alunos a participar do processo de ensino e aprendizagem, visto que eles são os mais diversos e possíveis de ser utilizados em várias situações do contexto escolar. São eles: o celular, vídeos, quadrinhos em sites, cds com animações ou links para a *internet*, com jogos, leitura, músicas e atividades interativas, *softwares*, hipertexto, jogos, *e-mails*, *chats* e outros.

O gênero textual e-mail é um recurso que pode ser utilizado pelo professor de língua portuguesa a partir do ensino fundamental, pois são variantes dos gêneros bilhete e carta, mas é um gênero que, embora faça parte do universo dos alunos, pois eles têm e-mail para acessar diversas páginas na *internet*, não o utilizam como forma de comunicação, desconhecendo assim, sua estrutura composicional, assim não sabem o que é remetente, destinatário, como anexar um arquivo, onde escrever o assunto da mensagem. É possível ainda estimular, no estudo deste gênero, a análise de conteúdos gramaticais como os termos da oração entre outros, enfim, há diversas possibilidades de uso, que a princípio podem parecer simples, mas em aulas de língua portuguesa são possíveis de se trabalhar com produção textual em um ambiente interativo que faz parte “do mundo” dos alunos.

Há ainda os blogs e as redes sociais, como o *Facebook*, que podem ser utilizados nas aulas de língua portuguesa como formas de produção de material de autoria e de escrita colaborativa. Um exemplo desse uso são as atividades que podem ser realizadas utilizando-se a ferramenta do *GoogleDocs*, na qual os alunos podem produzir textos em grupos, que será compartilhado e editado on-line, de forma virtual, e a produção e edição do texto pelos alunos pode ser feita em tempo real juntamente com o professor que poderá fazer as indagações ao grupo que escreve seu texto, corrige, reescreve e assim realiza uma escrita colaborativa.

O professor deve diferenciar com os alunos a linguagem própria de cada ambiente, mas é possível conseguir bons resultados e participação dos alunos em atividades que envolvam a *internet*. Além de estimular a pesquisa, a discussão dos temas propostos, a exposição de opinião e ainda é possível a realização de atividades em conjunto com outras disciplinas.

3.6 Aplicação do hipertexto nas aulas de Língua Portuguesa

Já foi comprovado por provas externas à escola, como a última Prova Brasil 2013, que é um dos componentes do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), considerado um importante indicador de qualidade do ensino e com índice indo até dez e calculado de dois em dois anos que é preciso melhorar as competências de leitura e escrita.

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – o Inep -, A Prova Brasil tem como objetivo avaliar a qualidade do ensino ministrado nas escolas das redes públicas, produzindo informações sobre os níveis de aprendizagem em Língua Portuguesa (Leitura) e em Matemática e fornecendo resultados para cada unidade escolar participante. Os dados apresentados visam servir de subsídio para o diagnóstico, a reflexão e o planejamento do trabalho pedagógico da escola, bem como para a formulação de ações e políticas públicas com vistas à melhoria da qualidade da educação básica.

Os dados da Prova Brasil de 2013, de acordo Tokarnia (2015) mostraram que 24,45% dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental estão abaixo do nível mais baixo de proficiência. No 5º ano, 24,16% estão na faixa que vai até o primeiro nível em português, o que significa dizer que esses alunos não são capazes de identificar o assunto ou o personagem principal em um texto. "É preciso pensar formas de ensino para engajar, pensar em um projeto que permita trabalhar com alunos de níveis de proficiência diferentes e que possa dar suporte ao professor", diz Faria, coordenador de Projetos da Fundação Lemann.

Uma das possibilidades de trabalho com a leitura e a escrita nas aulas de língua portuguesa, é estimular atividades através do uso das mídias digitais, que já estão incorporadas às práticas letradas do cotidiano dos alunos em atividades como uso do celular e do computador. É preciso associar o ensino aos recursos das novas tecnologias, contribuindo assim com a formação dos nativos digitais e o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita no âmbito da escola, que ainda não participa plenamente das mudanças ocorridas nos modos de ler.

Na sociedade atual a cultura é baseada em práticas letradas, competências como ler e escrever são partes integrantes da vida das pessoas e está intimamente associada ao exercício da cidadania. As práticas de leitura e escrita, segundo as pesquisas que vêm sendo realizadas na área, têm impacto sobre o desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

Assim, essas práticas possibilitam o desenvolvimento da consciência do mundo vivido propiciando aos sujeitos a autonomia na aprendizagem e a contínua transformação, inclusive das relações pessoais e sociais.

3.7 A escola e as tecnologias

As escolas sempre formaram o cidadão conforme à sociedade da época, acompanhando as mudanças sociais e industriais do momento. Assim, a escola de hoje está atrasada em adequar-se às necessidades do cidadão do século XXI, pois as novas gerações, chamadas de nativos digitais, chegam à escola vindas de um mundo repleto de recursos tecnológicos: televisão, *smart tvs*, vídeo games, *smatphones*, *iPods*, *etc.* que têm várias funções e lhes possibilitam estar conectados à *internet* praticamente o tempo todo, trocando mensagens, fotos, comunicando-se e interagindo de alguma forma. Mas chegam à escola e esta se encontra distante dos recursos digitais, que se inserem aos poucos, timidamente, sendo que o professor e a escola, como um todo e por diferentes fatores ainda não os utiliza ou se o faz é de forma limitada, muito presa apenas ao texto impresso no livro didático e à utilização da secular lousa.

Percebe-se no contexto escolar a necessidade de mudança para assim melhorar os índices de desempenho dos alunos, diminuir os problemas de evasão, despertar o interesse dos jovens pela escola e pelas atividades que ali acontecem, principalmente no que se referem à leitura e a escrita.

O ideal seria que cada escola pudesse analisar e verificar as necessidades midiáticas que tem, mas sabe-se também que o problema de infraestrutura é generalizado e a falta de formação dos professores quanto ao uso pedagógico das mídias é um ponto importante a que ser pensado.

Assim, verifica-se a necessidade de investimentos concretos não só em formação do professor desde a graduação, no qual o mesmo possa ser preparado para atuar em sala de aula utilizando-se das potencialidades das mídias. Também é preciso estruturar a parte midiática das escolas, pois há pouco ou nenhum investimento em recursos tecnológicos e o que já há está ultrapassado, não dando conta das necessidades atuais, sofrendo com o desgaste natural do tempo e do uso.

4. Análise dos dados

Este trabalho foi aplicado com alunos do 6º ano em atividades de leitura e produção textual postados no blog criado para esta turma com o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita em diferentes gêneros textuais.

Esta pesquisa envolveu os seguintes procedimentos:

- Observação de aulas/atividades: analisar a prática dos alunos participantes da pesquisa no que se refere à recepção e participação em relação as atividades propostas;
- Coleta de textos: as produções textuais dos alunos foram coletadas, com a finalidade de se analisar as condições de produção nelas presentes.
- Questionário: para colher depoimentos sobre a concepção de leitura e escrita e uso do hipertexto.

Sobre a formação de leitores é preciso que se faça uma seleção cuidadosa dos gêneros trabalhados, possibilitando que o aluno compreenda os diferentes textos que circulam na sociedade, sendo que a escola deve assumir seu papel de formadora e ficar atenta para garantir a variedade e riqueza destes textos junto aos alunos. Os PCNs (1998, pg.24) dizem que:

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas do pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.

Sendo assim, quanto maior a diversidade de gêneros trabalhados em sala de aula, melhor será o desenvolvimento das competências linguísticas necessárias às produções textuais do aluno.

Seguem algumas atividades realizadas pelos alunos nos *posts* do blog da turma:

Figura 3: blog do 6º ano

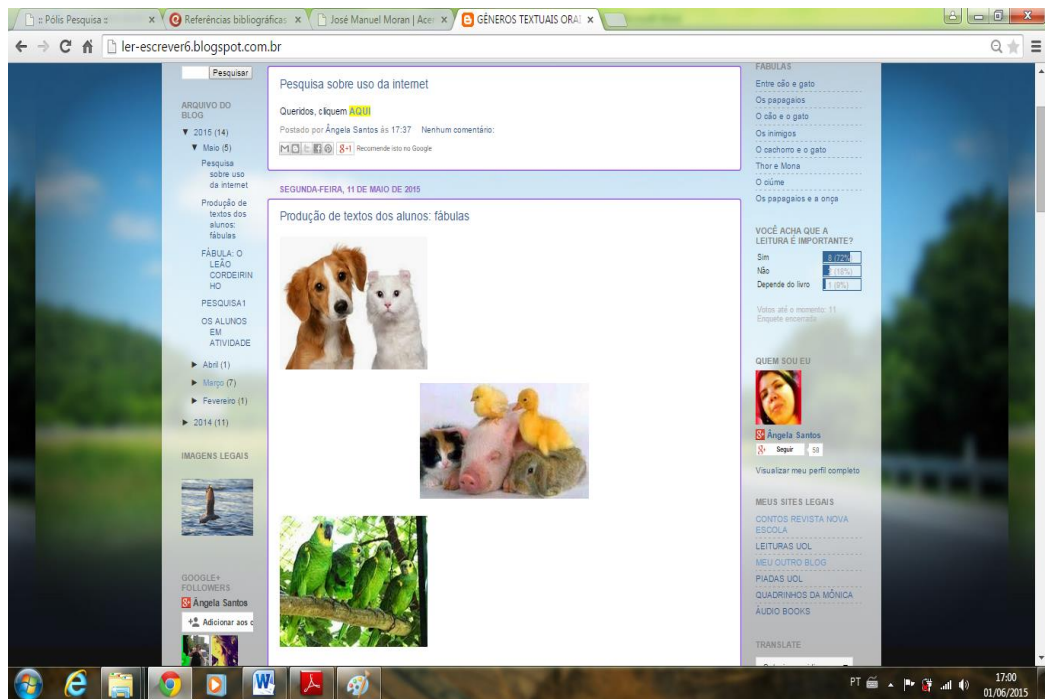


Figura 4: Pesquisa O que sei sobre links e hipertexto

O QUE SEI:

Formulário para o 6ºB sobre hipertexto e hiperlinks.

***Obrigatório**

Nome *

1. Em um texto da internet, no blog da professora, você sabe identificar o que é um link? *

a) sim

b) não

Figura 5 :Continuação da pesquisa O que sei sobre links e hipertexto

2. Tendo sempre como referência um texto da internet, como o blog da professora, responda: para que você acha que o link serve? *

3. Ler um texto usando estes links: *

a) deixa a leitura mais fácil de compreender

b) torna a leitura do texto mais divertida

c) deixa o leitor escolher por onde quer começar a leitura

d) tanto faz, nunca tinha reparado no link

4. Você sabe o que é um hipertexto? *

a) sim

b) não

5. Ainda tendo o blog da professora como ponto de referência, você sabe se nele tem hipertexto? *

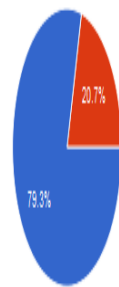
a) sim

b) não

6. Qual a diferença entre um texto com hipertexto e um texto sem hipertexto? *

Figura 6: resumo de resposta das perguntas 1 e 2

1. Em um texto da internet, no blog da professora, você sabe identificar o que é um link?



a) sim 65 79.3%

b) não 17 20.7%

2. Tendo sempre como referência um texto da internet, como o blog da professora, responda: para que você acha que o link serve?

Um link serve para mostrar mais conteúdo para as pessoas e para explicar melhor um assunto para uma pessoa

Para levar para o lugar que você quer por exemplo um texto ou um vídeo

Para abrir em outra página

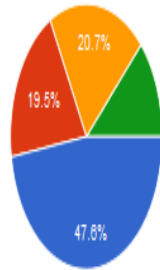
SIM

Para Mostrar Uma Página, Um Site, Um Blog ...

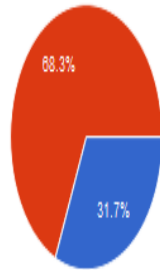
para aprender mais

É igual um blog da professora, aonde aparece uma mão para clicar e um link

Figura 7: Resumo de resposta das perguntas 3 e 4

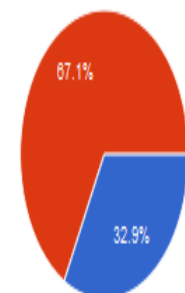
3. Ler um texto usando estes links:

a) deixa a leitura mais fácil de compreender	39	47,6%
b) torna a leitura do texto mais divertida	16	19,5%
c) deixa o leitor escolher por onde quer começar a leitura	17	20,7%
d) tanto faz, nunca tinha reparado no link	10	12,2%

4. Você sabe o que é um hipertexto?

a) sim	26	31,7%
b) não	56	68,3%

Figura 8: resumo de resposta da pergunta 5

5. Ainda tendo o blog da professora como ponto de referência, você sabe se nele tem hipertexto?

a) sim	27	32,9%
b) não	55	67,1%

Pelas respostas dadas percebe-se que 79,3% dos alunos compreende o que é um *link* e apenas 20,7% não sabe o que seja. Verifica-se pelas respostas que eles sabem que o link abre em outra página, tanto em site, como em *blog*, servindo para mostrar um conteúdo para as pessoas e para explicar melhor um assunto ou informação e que entendem que o *blog* da turma, com as atividades de leitura e produção de texto é composto por links. Também pode-se perceber que, embora o blog da turma seja composto por hipertexto os alunos não sabem o

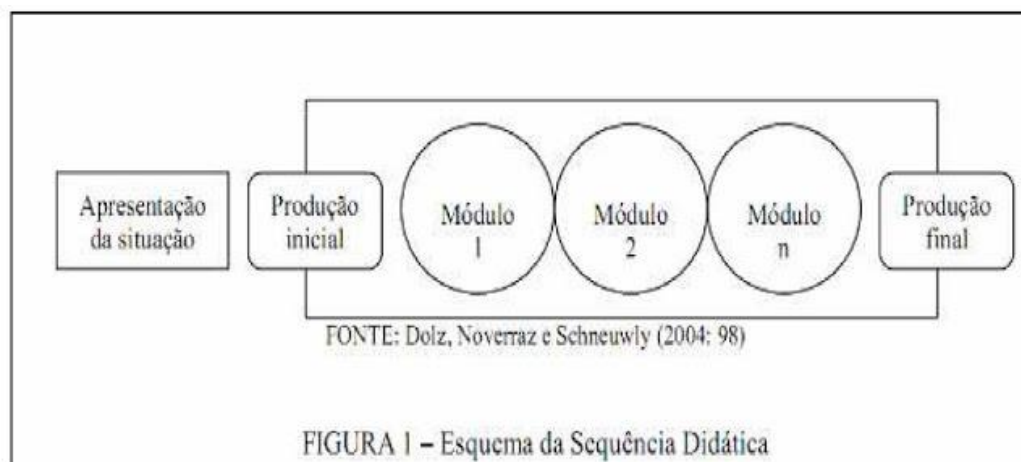
que seja, o que se comprova por 68,3% das respostas dos participantes da pesquisa contra apenas 31,7%, o que se comprova ao analisar que os alunos não compreenderam que o blog é todo organizado em hipertexto, já que 67,1% dos mesmos não sabe se há este recurso no blog e 32,9% têm consciência de que o blog é um documento hipertextual.

Apesar do uso frequente do hipertexto nas páginas que utilizam na internet, os alunos, talvez pela imaturidade própria da idade não tenham compreendido que estejam utilizando o hipertexto, embora utilizem-no adequadamente, identificando os links e compreendendo sua função no arquitetura do blog.

Conclui-se que os alunos não sabem nomear o que utilizaram, como o hipertexto, mas que compreendem e usam-no adequadamente. O objetivo deste trabalho era que utilizassem o recurso midiático com o objetivo de desenvolver as habilidades de leitura e escrita, assim o fato de não saberem o nome do recurso não interfere no resultado da pesquisa.

4.1 Atividade com o gênero conto de fadas

As atividades com o gênero textual contos de fadas desenvolveram-se por meio de uma *seqüência didática* que é uma seqüência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem cujo objetivo é confrontar os alunos com práticas de linguagem historicamente construídas, os gêneros textuais, para lhes dar a possibilidade de reconstruí-las e delas se apropriarem, conforme dizem Dolz e Schneuwly (2004, pg. 43).



A seqüência didática apresenta o seguinte esquema: apresentação da situação descrita de forma detalhada sobre o gênero em estudo e a primeira produção que pode ser oral ou

escrita. Essa produção permite ao professor verificar que capacidades eles já o tem e quais precisam ser ampliadas para o gênero em estudo. Depois, é realizado estudos em módulos para serem trabalhadas as dificuldades detectadas na produção inicial. Esses módulos - várias atividades sobre o gênero - são formas de melhorar as práticas sobre o gênero em estudo. E por último, chega-se a produção final.

Dessa forma, verifica-se uma vantagem desse tipo de atividade que é leitura, escrita, oralidade e aspectos gramaticais trabalhados em conjunto, fazendo assim mais sentido para o aluno. É necessário que o professor tenha conhecimento do gênero que vai ensinar e também o nível de aprendizagem que os alunos já têm desse gênero. Isso é necessário para que a sequência didática seja organizada de uma forma que não fique nem muito fácil, nem muito difícil, pois os alunos não se interessarão em realizar uma atividade para a qual não encontrem desafios ou que seja muito difícil para a idade deles.

O papel do professor é importante nesse desenlace do decorrer da sequência abordando e trabalhando os problemas de níveis diferentes, a representação da situação de comunicação, a elaboração dos conteúdos, planejamento do texto e a realização do texto. Para Dolz e Schneuwly (2004, p.95)

O texto permanece provisório enquanto estiver submetido a esse trabalho de reescrita. Podemos até dizer que considerar seu próprio texto como objeto a ser retrabalhado é um objetivo essencial do ensino da escrita. O aluno deve aprender que escrever é (também) reescrever. A estruturação da sequência didática em primeira produção, por um lado, e em produção final, por outro, permite tal aprendizagem.

A importância em estudar os gêneros e deles se apropriarem está ligada a uma necessidade da escola inserir esse conhecimento na produção de texto.

Ainda hoje é importante que nossos alunos conheçam as narrativas do conto de fada, criando assim, a consciência de que essa literatura, que atualmente é conhecida como clássica, surgiu na tradição oral – antes mesma da escrita - contadas por pessoas do povo com o objetivo de distração e entretenimento.

Um dos aspectos desse gênero é o fato de as histórias serem atemporais, começando por expressões como “Era uma vez...” ou “Em certo reino...” mostrando que os fatos ali narrados podem ter acontecido há muitos anos ou há pouco tempo. Também o fator que auxilia na produção de textos nesse gênero é a sua estrutura, pois é rica em acontecimentos, existe a luta do bem contra o mal, bem como elementos mágicos e personagens que auxiliam o herói em meio às dificuldades.

Assim, verificou-se a importância de se trabalhar atividades com esse gênero, pois o fato de os alunos gostarem dos contos de fadas facilitou o desenvolvimento das habilidades pretendidas, contribuindo e facilitando a aprendizagem, sendo que essas práticas educativas significativas contribuem para a formação humana na medida em que possibilitam momentos de reflexão perante as situações que se apresentam nos contos, o que é importante para as personalidades em formação dos alunos de 6º ano.

4.2. Sequência Didática

Na escola, os alunos encontram-se nas mais variadas situações de comunicação, nas quais a escrita se torna possível e mesmo necessária.

Dolz e Scheuwly definem a sequência didática como um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito (2004, p.82). Assim, optou-se por esta atividade, que conforme os autores (2004, p.83) tem a finalidade de ajudar o aluno a dominar um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.

Para desenvolver a sequência didática foi selecionado o gênero conto, pertencente ao domínio do narrar, caracterizado por apresentar gêneros pertencentes à cultura ficcional, conforme agrupamento de gêneros proposto por Dolz e Schneuwly (2004, p.52).

O gênero conto se caracteriza por ser uma narrativa curta que condensa o conflito, o tempo e o espaço, bem como apresenta um número reduzido de personagens (Gancho, 1995, p. 8).

Este gênero foi escolhido devido ao fato de que os alunos, mesmo já o conhecendo de anos anteriores, não terem domínio da sua estrutura tipológica. Assim, essa atividade teve como objetivo ampliar seu conhecimento sobre o gênero estudado, bem como também que consigam redigir textos utilizando recursos próprios do padrão escrito relativos à paragrafação, pontuação e outros sinais gráficos, em função do projeto textual.

Outro ponto a favor do uso deste gênero é o fato de serem narrativas inicialmente divulgadas por contadores de forma oral e assim sofreram alterações ao longo dos tempos, para isso há versões diferentes para várias histórias, possibilitando várias leituras. Como são textos de ficção proporcionam o desenvolvimento tanto da imaginação quanto da fantasia dos alunos, fazendo-os liberar a criatividade e enriquecendo seus textos.

A escola sempre trabalhou com os gêneros, seja um ou outro, pois se sabe que o gênero não é apenas ou tão somente instrumento de comunicação, mas ao mesmo tempo é

objeto de ensino-aprendizagem. Os alunos vivenciam muitas situações em que a escrita é necessária e onde a produção de textos, utilizando-se de algum gênero textual multiplica-se, seja por textos orais ou escritos, inclusive através da utilização dos novos gêneros textuais. Sendo assim, foi elaborada esta sequência didática que será melhor detalhada abaixo:

Objetivo:

- Compreender as características do gênero textual contos de fada tradicional e moderno;
- Analisar, reconhecer e utilizar os elementos do texto narrativo;
- Reconhecer/compreender o gênero textual conto de fadas;
- Aplicar a tipologia estrutural e composicional do gênero estudado;
- Redigir textos utilizando recursos próprios do padrão escrito relativos à paragrafação, pontuação e outros sinais gráficos, em função do projeto textual.

Conteúdo(s):

- Elementos da narrativa: narrador, enredo, personagens, tempo, espaço e tipos de discurso;
- Gênero textual: conto de fadas.

Justificativa:

Embora os alunos já o conheçam os contos de fada, eles não têm pleno domínio de sua elaboração e organização. Nesse sentido, o trabalho proposto pretende ampliar o conhecimento sobre este gênero, levando-os ao domínio pleno de sua estrutura, visando também ao desenvolvimento da capacidade crítica e criativa, elementos importantes no processo de formação do sujeito.

Público-alvo: 6º ano do ensino fundamental

Duração: 3 semanas

A sequência didática organizou-se da seguinte forma:

I. Apresentação da Situação

Iniciou-se a aula explicando aos alunos que seriam lidos alguns contos e que a partir da leitura dos mesmos, a classe estudaria a estrutura deste tipo de texto e que ao final iríamos escrever os textos no blog da turma para que os mesmos tivessem a leitura disponibilizada, para facilitar o acesso a toda nossa comunidade escolar.

Assim, iniciamos a aula com as perguntas-desafio abaixo para instigar os alunos sobre o gênero textual a ser estudado:

Perguntas-desafio:

- a) O que é um conto de fada?
- b) Quais são os contos de fadas que eles conhecem ou já leram?
- c) Do que tratam os contos de fadas?
- d) O que identifica um texto como um conto de fadas?

A seguir, utilizando o projetor multimídia os alunos assistiram ao vídeo *Contos de Fadas Furados: Cinderela*, para então fazer a análise/relação do conto original com a releitura mostrada no vídeo.

Obs.: Observou-se que os alunos não conheciam o conto, pois não houve interação com a história parodiada no vídeo que mostra a história clássica da *Cinderela* toda ao contrário. É preciso que o aluno tenha conhecimento da história original para que compreendesse a história passada no vídeo. Percebeu-se que os alunos não interagiam com a história, pois a mesma direcionava-se para o humor, a ironia e a reação dos alunos foi de simples curiosidade pelo conto narrado.

Assim, foi necessário contar-lhes o conto original, da *Cinderela*, antes de prosseguir com a aula conforme planejada.

Na STE da escola, através do *blog* criado para a turma (<http://ler-escrever6.blogspot.com.br/>) os alunos realizaram algumas atividades como as descritas a seguir:

- a. analisar a imagem de príncipe e princesa e responder através dos *comentários do blog* se a mesma faz parte de um conto de fadas;
- b. ler o conto *O Rei Sapo* no livro da disciplina e depois no *link* disponível no blog também assistir ao trailer do e ler o conto *A princesa e o Sapo*, realizando comentários sobre a história na seção *Comentários* do blog;
- c. escolher dentre os links os contos disponibilizados para realizar leituras.

I. A primeira produção.

- a. ler o conto *Chapeuzinho Vermelho* original e relembrar os pontos mais importantes;
- b. ler uma paródia do conto *Chapeuzinho Vermelho: Uma menina chamada Chapeuzinho Azul*
- c. escrever em grupo uma nova versão da história da Chapeuzinho a partir de cores sugeridas: Chapeuzinho Branca, Amarela, Verde, Azul, etc;

II. Os módulos.

a. ler o conto *O príncipe sapo* (atividade que faz parte do livro do 6º ano da disciplina de língua portuguesa) e fazer a análise dos elementos da narrativa;

b. na STE, os alunos farão a leitura do conto *João e Maria* e depois a análise dos elementos narrativos, sendo que esta atividade será realizada em duplas.

c. retomar o 1º conto escrito, reorganizando-os nos mesmos grupos e apresentá-lo para a sala, compartilhando assim com todos.

d. reescrita dos contos em grupos, alterando-se apenas as cores para verificar a utilização dos elementos da narrativa com maior propriedade e também a utilização dos recursos próprios do padrão escrito relativos à paragrafação, pontuação e outros sinais gráficos, em função do projeto textual.

III. Produção Final

Escrita final dos textos e postagem dos mesmos no *blog* da turma.

Textos Utilizados na Sequência Didática:

Texto1: Uma menina chamada Chapeuzinho Azul

O texto a seguir “Uma menina chamada Chapeuzinho Azul”, de Flavio de Souza, do livro utilizado na disciplina de língua portuguesa do 6º ano, Vontade de Saber, foi trabalhado na atividade sobre sequência didática do gênero conto. Nesta parte das atividades, realizou-se a leitura do texto e a seguir foi feita a relação com o conto Chapeuzinho Vermelho, que já era do conhecimento dos alunos. A seguir, os mesmos fizeram atividades de análise textual, identificando elementos composicionais do texto narrativo como tipo de narrador, personagens principais e secundários e identificação do conflito.

Figura 9 - Texto1- Uma menina chamada Chapeuzinho Azul

De volta à terra da fantasia

Leitura 1

A magia e o encanto dos contos de fadas sempre atraíram a atenção das pessoas. Nessas histórias, personagens como crianças, animais, príncipes, princesas, fadas e bruxas vivem situações surpreendentes, que só poderiam acontecer no mundo da imaginação.

*A história a seguir foi inspirada em um conto bastante conhecido. Você consegue imaginar de qual conto se trata? Que fatos você imagina que acontecem nessa história? Converse com os colegas. Em seguida, leia o texto e depois verifiquem se os comentários da turma estavam de acordo ou não com a história narrada.**

Se desejar, após a leitura desse texto, proponha que os alunos leiam uma versão do conto "Chapeuzinho Vermelho", que se encontra nas **Orientações para o professor**.

Uma menina chamada Chapeuzinho Azul

Aposto que você adivinhou que essa menina conhecida pelo apelido de Chapeuzinho Azul era irmã daquela outra menina conhecida pelo apelido de Chapeuzinho Vermelho.

As duas meninas ganharam seus chapeuzinhos no mesmo dia. Foi no Dia da Criança de mil seiscientos e me esqueci. Elas gostaram tanto de ganhar seus chapeuzinhos que até se esqueceram de ficar bravas porque não tinham ganho as bonecas que tanto queriam.

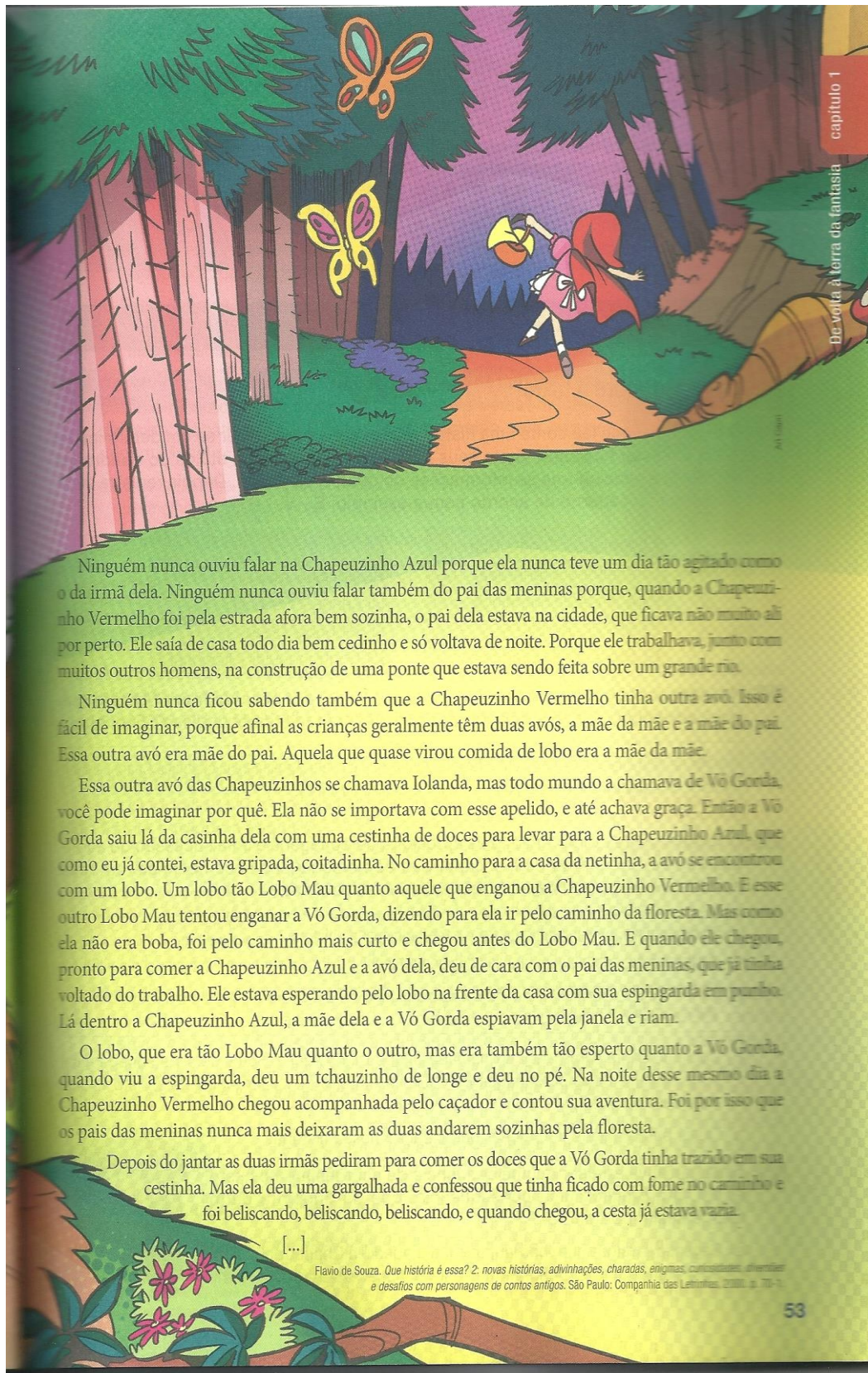
Esses chapeuzinhos na verdade eram duas capinhas com capuz, mas todo mundo conhece a história da menina que ganhou a roupinha vermelha como "Chapeuzinho Vermelho", então vamos fingir que as capinhas com capuz eram chapeuzinhos, está bem?

Naquele dia em que a menina do chapeuzinho vermelho saiu de casa para levar doces para a vizinha que estava doente e se encontrou com o lobo etc. e tal, a irmã dela ficou em casa. Ela passou o dia todo no quarto porque estava com gripe.

*Leia com os alunos o título do texto e incentive-os a dar suas opiniões sobre o conto no qual o texto que vão ler foi inspirado. Em seguida, amplie essa discussão levando-os a levantar hipóteses sobre quais fatos imaginam que fazem parte desse texto.



Figura 10



Ninguém nunca ouviu falar na Chapeuzinho Azul porque ela nunca teve um dia tão agitado como o da irmã dela. Ninguém nunca ouviu falar também do pai das meninas porque, quando a Chapeuzinho Vermelho foi pela estrada afora bem sozinha, o pai dela estava na cidade, que ficava não muito ali por perto. Ele saía de casa todo dia bem cedinho e só voltava de noite. Porque ele trabalhava, junto com muitos outros homens, na construção de uma ponte que estava sendo feita sobre um grande rio.

Ninguém nunca ficou sabendo também que a Chapeuzinho Vermelho tinha outra avó. Isso é fácil de imaginar, porque afinal as crianças geralmente têm duas avós, a mãe da mãe e a mãe do pai. Essa outra avó era mãe do pai. Aquela que quase virou comida de lobo era a mãe da mãe.

Essa outra avó das Chapeuzinhos se chamava Iolanda, mas todo mundo a chamava de Vó Gorda, você pode imaginar por quê. Ela não se importava com esse apelido, e até achava graça. Então a Vó Gorda saiu lá da casinha dela com uma cestinha de doces para levar para a Chapeuzinho Azul, que como eu já contei, estava gripada, coitadinha. No caminho para a casa da netinha, a avó se encontrou com um lobo. Um lobo tão Lobo Mau quanto aquele que enganou a Chapeuzinho Vermelho. E esse outro Lobo Mau tentou enganar a Vó Gorda, dizendo para ela ir pelo caminho da floresta. Mas como ela não era boba, foi pelo caminho mais curto e chegou antes do Lobo Mau. E quando ele chegou, pronto para comer a Chapeuzinho Azul e a avó dela, deu de cara com o pai das meninas, que já tinha voltado do trabalho. Ele estava esperando pelo lobo na frente da casa com sua espingarda em punho. Lá dentro a Chapeuzinho Azul, a mãe dela e a Vó Gorda espionavam pela janela e riam.

O lobo, que era tão Lobo Mau quanto o outro, mas era também tão esperto quanto a Vó Gorda, quando viu a espingarda, deu um tchauzinho de longe e deu no pé. Na noite desse mesmo dia a Chapeuzinho Vermelho chegou acompanhada pelo caçador e contou sua aventura. Foi por isso que os pais das meninas nunca mais deixaram as duas andarem sozinhas pela floresta.

Depois do jantar as duas irmãs pediram para comer os doces que a Vó Gorda tinha trazido em sua cestinha. Mas ela deu uma gargalhada e confessou que tinha ficado com fome no caminho e foi beliscando, beliscando, beliscando, e quando chegou, a cesta já estava vazia.

[...]

Flavio de Souza. *Que história é essa? 2: novas histórias, adivinhações, charadas, enigmas, curiosidades, desafios e desafios com personagens de contos antigos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 70-7.

Texto2: O Rei Sapo

Este texto, presente no livro *Vontade de Saber*, do autor Flavio de Souza, foi utilizado com os alunos do 6º ano para dar continuidade às atividades de sequência didática do gênero conto, que foram explicadas anteriormente e envolveu além da leitura do texto “O rei sapo”, atividades como a projeção do vídeo da história que estava postado no blog da turma, na qual os alunos fizeram comentários sobre o mesmo.

Figura 11 - Texto2: O Rei Sapo

Leitura 2

O conto de fadas que você vai ler a seguir é mais uma das muitas famosas histórias que há séculos vêm encantando leitores de todas as idades, nos quatro cantos do mundo. Você conhece esta história? Antes de realizar a leitura, incentive os alunos a comentarem se já conhecem a história apresentada. Se houver alunos que não a conheçam, peça que observem o título e a ilustração e que levantem hipóteses sobre os fatos e os personagens que imaginam que fazem parte da história. Após a leitura do conto, verifique com eles se as hipóteses levantadas estavam corretas ou não.

O Rei Sapo

Era uma vez, no tempo em que os desejos ainda se cumpriam, havia um rei cujas filhas eram todas belas. Mas a menor era tão linda, que o próprio Sol, que já vira tanta coisa, se alegrava ao iluminar o seu rosto. Perto do castelo do rei havia um bosque escuro. E, no bosque, debaixo de uma grande árvore, havia um poço. Quando fazia muito calor, a filha do rei saía para o bosque e sentava-se à beira do poço. E quando a princesinha se entediava, pegava uma bola de ouro e ficava brincando de jogá-la para cima e agarrá-la.

Mas aconteceu, certa vez, que a bola de ouro passou direto pelas mãos da menina, bateu no chão e rolou para dentro d'água. A princesinha foi seguindo a bola com os olhos até que não conseguiu mais enxergá-la, pois o poço era muito fundo. Então, começou a chorar. Chorava cada vez mais alto, sem conseguir parar. Enquanto se lamentava, ela ouviu uma voz que dizia:

— O que foi que te aconteceu, filha do rei? Choras tanto que podes comover até uma pedra.

Ela olhou em volta, procurando de onde vinha aquela voz, e viu, então, um sapo com sua grande e feia cabeça para fora da água.

— Ah, és tu? — disse ela. — Estou chorando por causa da minha bola de ouro que caiu no fundo do poço.

— Sossega e não chores — respondeu o sapo. — Eu posso te ajudar. Mas o que me darás, se eu te devolver o brinquedo?

— O que tu quiseres, querido sapo — disse ela. — Meus vestidos, minhas pérolas, minhas pedras preciosas e também a coroa de ouro que estou usando.

O sapo respondeu:

— Teus vestidos, tuas pérolas, tuas pedras preciosas e tua coroa de ouro eu não quero. Mas se aceitares gostar de mim, para eu ser teu amigo e companheiro, e me deixares sentar ao teu lado à mesa, comer no teu prato de ouro, beber na tua taça e dormir na tua cama, se me promteres isso, eu descerei para o fundo do poço e te trarei de volta a bola de ouro.

— Ah, sim — disse ela. — Eu te prometo tudo o que queres, mas traze-me de volta a minha bola de ouro. — Aí, ela pensou consigo mesma: “Que bobagens fala este sapo! Ele vive dentro d'água com outros sapos, coxando, não pode ser companheiro de um ser humano.” ▶

Entediar-se ■ enjoar-se
enfadar-se.

56




Figura 12

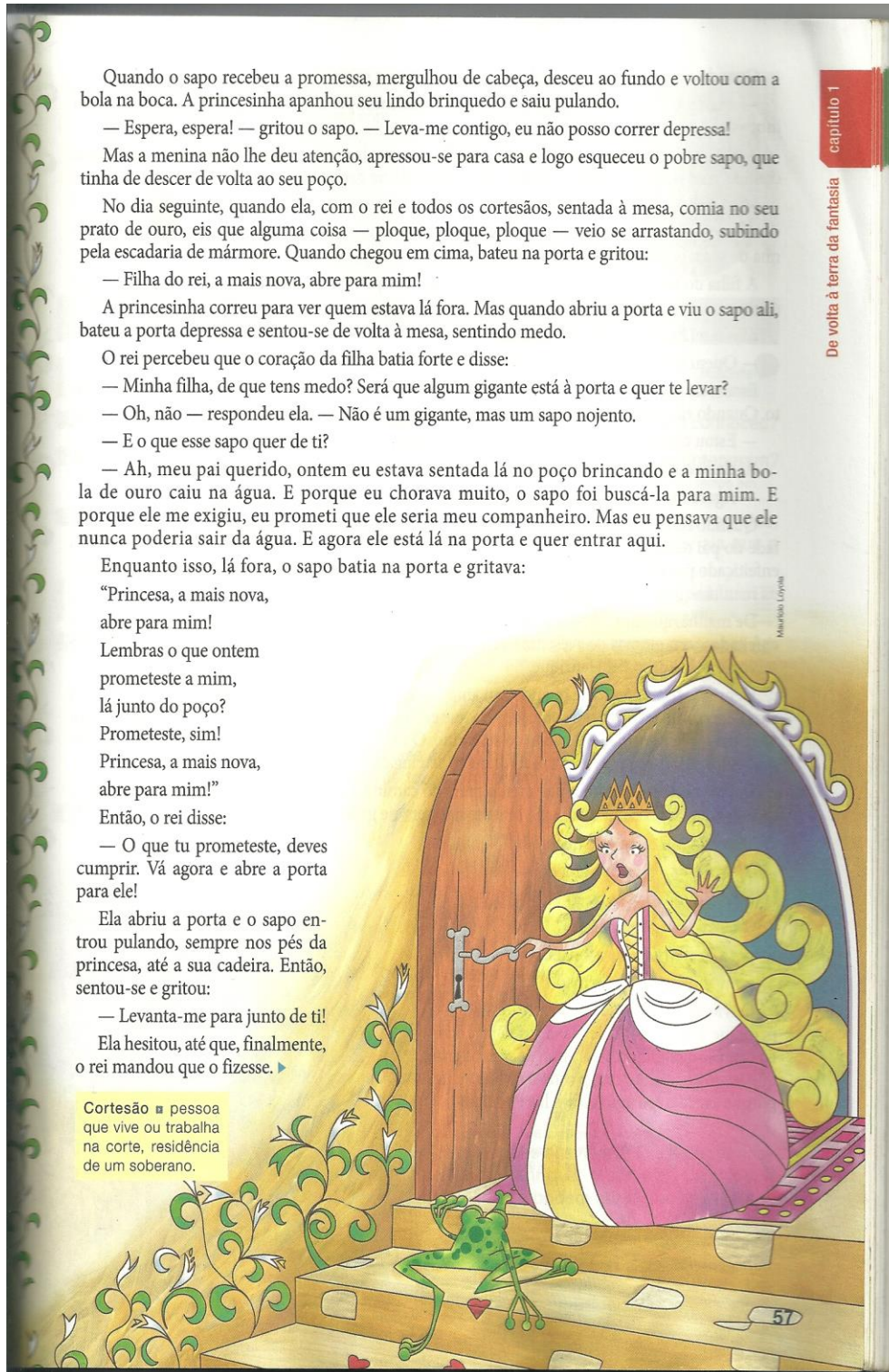


Figura 13 - Post do blog sobre o conto de fadas *A princesa e o Sapo*

O conto de fadas é uma história narrada. E, apresenta alguns elementos. Veja o trailer do conto de fadas “A Princesa e o Sapo” e depois leia a história completa aqui.



Texto 3: O príncipe Sapo

O Príncipe Sapo

(Irmãos Grimm)

Há muito tempo, quando os desejos funcionavam, vivia um rei que tinha filhas muito belas. A mais jovem era tão linda que o sol, que já viu muito, ficava atônito sempre que iluminava seu rosto.

Perto do castelo do rei havia um bosque grande e escuro no qual havia uma lagoa sob uma velha árvore.

Quando o dia era quente, a princesinha ia ao bosque e se sentava junto à fonte. Quando se aborrecia, pegava sua bola de ouro, a jogava alto e recolhia. Essa bola era seu brinquedo favorito. Porém aconteceu que uma das vezes que a princesa jogou a bola, esta não caiu em sua mão, mas sim no solo, rodando e caindo direto na água.

A princesa viu como ia desaparecendo na lagoa, que era profunda, tanto que não se via o fundo. Então começou a chorar, mais e mais forte, e não se consolava e tanto se lamenta, que alguém lhe diz:

- Que te aflige princesa? Choras tanto que até as pedras sentiriam pena. Olhou o lugar de onde vinha a voz e viu um sapo colocando sua enorme e feia cabeça fora da água.

- Ah, és tu, sapo - disse - Estou chorando por minha bola de ouro que caiu na lagoa.

- Calma, não chores -, disse o sapo; Posso ajudar-te, porém, que me darás se te devolver a bola?

- O que quiseres, querido sapo - disse ela, - Minhas roupas, minhas pérolas, minhas joias, a coroa de ouro que levo.

O sapo disse:

- Não me interessam tuas roupas, tuas pérolas nem tuas joias, nem a coroa. Porém me prometes deixar-me ser teu companheiro e brincar contigo, sentar a teu lado na mesa, comer em teu pratinho de ouro, beber de teu copinho e dormir em tua cama; se me prometes isto eu descerei e trarei tua bola de ouro".

- Oh, sim- disse ela - Te prometo tudo o que quiseres, porém devolve minha bola; mas pensou- Fala como um tolo. Tudo o que faz é sentar-se na água com outros sapos e coachar. Não pode ser companheiro de um ser humano.

O sapo, uma vez recebida a promessa, meteu a cabeça na água e mergulhou. Pouco depois voltou nadando com a bola na boca, e a lançou na grama. A princesinha estava encantada de ver seu precioso brinquedo outra vez, colheu-a e saiu correndo com ela.

- Espera, espera - disse o sapo; Leva-me. Não posso correr tanto como tu - Mas de nada serviu coachar atrás dela tão forte quanto pôde. Ela não o escutou e correu para casa, esquecendo o pobre sapo, que se viu obrigado a voltar à lagoa outra vez.

No dia seguinte, quando ela sentou à mesa com o rei e toda a corte, estava comendo em seu pratinho de ouro e algo veio arrastando-se, splash, splish splash pela escada de mármore.

Quando chegou ao alto, chamou à porta e gritou:

- Princesa, jovem princesa, abre a porta.

Ela correu para ver quem estava lá fora. Quando abriu a porta, o sapo sentou-se diante dela e a princesa bateu a porta. Com pressa, tornou a sentar, mas estava muito assustada. O rei se deu conta de que seu coração batia violentamente e disse:

- Minha filha, por que estás assustada? Há um gigante aí fora que te quer levar?

- Ah não, respondeu ela - não é um gigante, senão um sapo.

- O que quer o sapo de ti?

- Ah querido pai, estava jogando no bosque, junto à lagoa, quando minha bola de ouro caiu na água. Como gritei muito, o sapo a devolveu, e porque insisti muito, prometi-lhe que seria meu companheiro, porém nunca pensei que seria capaz de sair da água.

Entretanto o sapo chamou à porta outra vez e gritou:

- Princesa, jovem princesa, abre a porta. Não lembras que me disseste na lagoa?

Então o rei disse:

- Aquilo que prometeste, deves cumprir. Deixa-o entrar.

Ela abriu a porta, o sapo saltou e a seguiu até sua cadeira. Sentou-se e gritou: - Sobe-me contigo.

Ela o ignorou até que o rei lhe ordenou. Uma vez que o sapo estava na cadeira, quis sentar na mesa. Quando subiu, disse:

- Aproxima teu pratinho de ouro porque devemos comer juntos.

Ela o fez, porém se via que não de boa vontade. O sapo aproveitou para comer, porém ela enjoava a cada bocado. Em seguida disse o sapo:

- Comi e estou satisfeito, mas estou cansado. Leva-me ao quarto, prepara tua caminha de seda e nós dois vamos dormir.

A princesa começou a chorar porque não gostava da ideia de que o sapo ia dormir na sua preciosa e limpa caminha. Porém o rei se aborreceu e disse:

- Não devias desprezar àquele que te ajudou quando tinhas problemas.

Assim, ela pegou o sapo com dois dedos, e a levou para cima e a deixou num canto. Porém, quando estava na cama o sapo se arrastou até ela e disse:

- Estou cansado, eu também quero dormir, sobe-me senão conto a teu pai.

A princesa ficou então muito aborrecida. Pegou o sapo e o jogou contra a parede.

- Cale-se, bicho odioso; disse ela.

Porém, quando caiu ao chão não era um sapo, e sim um príncipe com preciosos olhos. Por desejo de seu pai ele era seu companheiro e marido. Ele contou como havia sido encantado por uma bruxa malvada e que ninguém poderia livrá-lo do feitiço exceto ela. Também disse que no dia seguinte iriam todos juntos ao seu reino.

Se foram dormir e na manhã seguinte, quando o sol os despertou, chegou uma carruagem puxada por 8 cavalos brancos com plumas de avestruz na cabeça. Estavam enfeitados com correntes de ouro. Atrás estava o jovem escudeiro do rei, Enrique. Enrique havia sido tão desgraçado quando seu senhor foi convertido em sapo que colocou três faixas de ferro rodeando seu coração, para se acaso estalasse de pesar e tristeza.

A carruagem ia levar ao jovem rei a seu reino. Enrique os ajudou a entrar e subiu atrás de novo, cheio de alegria pela libertação, e quando já chegavam a fazer uma parte do caminho, o filho do rei escutou um ruído atrás de si como se algo tivesse quebrado. Assim, deu a volta e gritou:

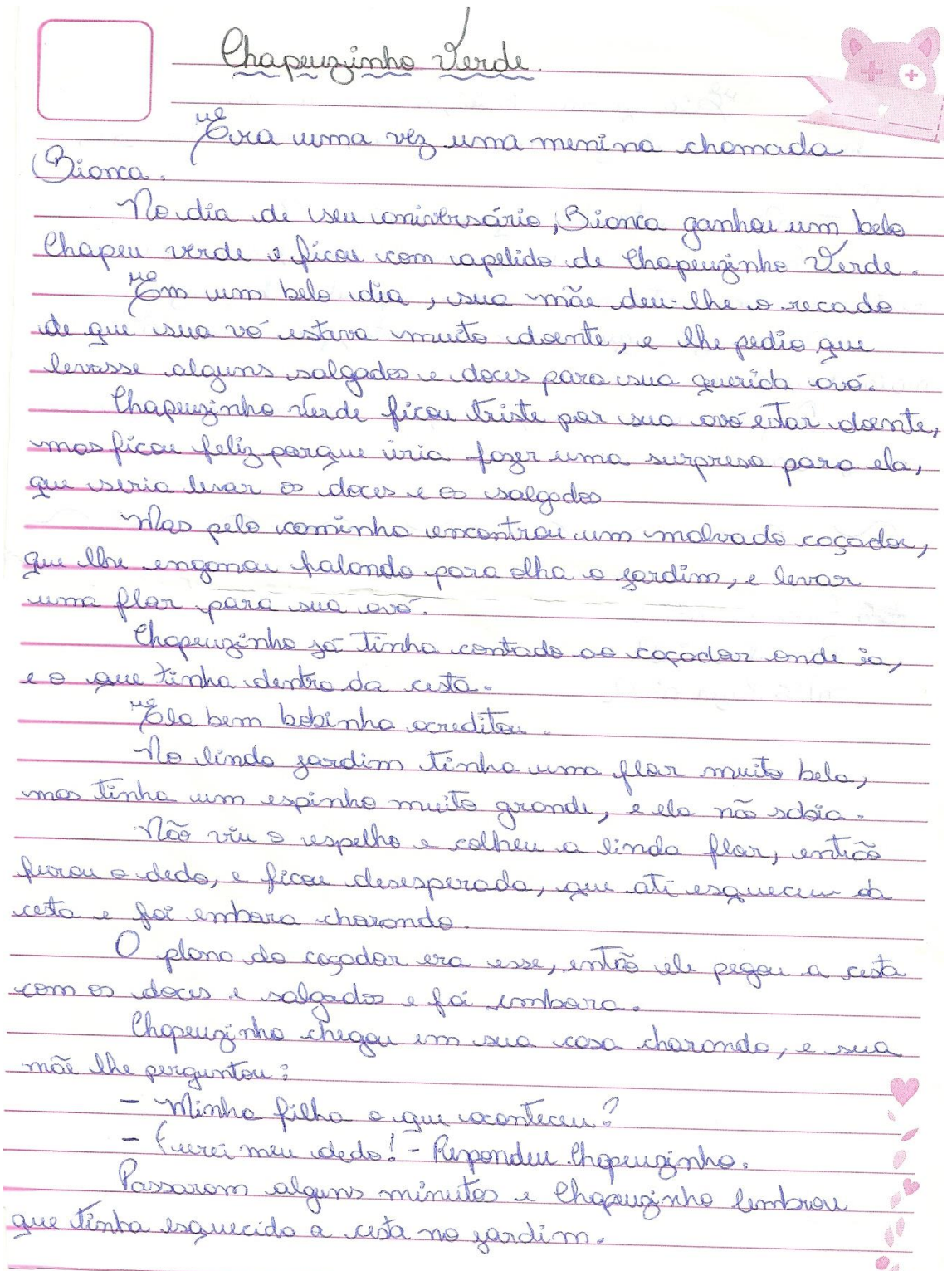
- Enrique, o carro está se rompendo.

- Não amo, não é o carro. É uma faixa de meu coração, a coloquei por causa da minha grande dor quando eras sapo e prisioneiro do feitiço.

Duas vezes mais, enquanto estavam no caminho, algo fez ruído e cada vez o filho do rei pensou que o carro estava rompendo, porém eram apenas as faixas que estavam se desprendendo do coração de Enrique porque seu senhor estava livre e era feliz.

Produção de textos dos alunos: textos trabalhados na sequência didática

Figura 14 - Texto de aluno: Chapeuzinho Verde



Chapeuzinho Verde

Era uma vez uma menina chamada Bianca.

No dia de seu aniversário, Bianca ganhou um belo Chapéu verde e ficou com apelido de Chapeuzinho Verde.

Em um belo dia, sua mãe deu-lhe o recado de que sua vó estava muito doente, e lhe pediu que levasse alguns salgados e doces para sua querida avó.

Chapeuzinho Verde ficou triste por sua avó estar doente, mas ficou feliz porque iria fazer uma surpresa para ela, que iria levar os doces e os salgados.

Não pelo caminho encontrou um malvado coqueador, que lhe enganou falando para ela o jardim, e levar uma flor para sua avó.

Chapeuzinho já tinha contado ao coqueador onde ia, e o que tinha dentro da cesta.

Ela bem bobinha acreditou.

No lindo jardim tinha uma flor muito bela, mas tinha um espinho muito grande, e ela não sabia.

Não viu o espelho e colheu a linda flor, então furou o dedo, e ficou desesperada, que até esqueceu da cesta e foi embora chorando.

O plano do coqueador era esse, então ele pegou a cesta com os doces e salgados e foi embora.

Chapeuzinho chegou em sua casa chorando, e sua mãe lhe perguntou:

- Minha filha o que aconteceu?
- Furei meu dedo! - Respondeu Chapeuzinho.

Passaram alguns minutos e Chapeuzinho lembrou que tinha esquecido a cesta no jardim.

Figura 15



Ela queria ir lá, mas bem na hora sua vó chega em sua casa, bem melha já, e fala:

- Minha netinha o que aconteceu?
- Fui meu dedo quando estava levando uma cesta de doces até sua casa. Respondem e chupuzinho.

Bianca já esqueceu-se da cesta, pois sua mãe fez mais doces para ela.

Depois desse dia, o cogedor nunca mais apareceu no jardim.

Figura 16

Chapeuzinho Rosa

Éra uma vez uma simpática menina chamada Chapeuzinho Rosa que adorerava flores, principalmente as rosas.

Um dia, sua mãe pediu para que levasse alguns pedaços de bolo a sua vó. Sua mãe também falou para que não fosse pela floresta porque lá é muito perigoso. Mas como era curiosa resolveu ir para pegar rosas na floresta. É no caminho Chapeuzinho Rosa encontrou um lobo esfomeado perto da casa de sua vó. Ela estava bem perto dali então ela saiu correndo e quando chegou lá entrou sem bater. O lobo não entendeu nada e pediu para que ela explicasse mas não deu tempo, pois o lobo furioso bateu na porta. Foi quando apareceu o caçador, que com o laço pegou o lobo e colocou na jaula. É saiu na janela a vó de Chapeu e então conseguiu compreender o apavoro de sua neta. É para recompensar o caçador que havia capturado o lobo ela fez um café e pegou os pedaços de bolo que sua neta trouxe e fez um lanchinho para todos comerem e ficaram satisfeitos e felizes pelo lobo ter sido capturado. É des daquele dia nunca mais tiveram problemas só alegrias.

Figura 17

A festa no castelo

Era uma vez em um lindo castelo uma linda princesa com cabelos loiros, com olhos da cor azul.

Ela não tinha um amor que no caso o príncipe, um belo dia ela estava andando pelo jardim e viu o jardineiro, ela viu ele e se apaixonou por ele.

Um dia ele disse a ela que a amava, ela disse que também o amava então o jardineiro pediu ao rei a mão de sua filha, o rei aceitou.

Passou um tempo depois de casados tiveram uma filha chamada Miguel, contrataram uma bruxa mas ela era uma bruxa e lançou uma praga ao menino e ele se transformou em uma barata, a barata que era a menina andou pela casa e chegou no quarto da princesa, quando a princesa ia matar ele voltou a ser menina.

A mãe tão feliz fez a festa no castelo mas não foi uma festa pequena foi "a festa" depois disse viveram felizes para sempre.

Figura 18

A princesa Ana Beatriz

Era uma vez, uma linda menina chamada Ana Beatriz, que adorava e ushava em ser uma linda princesa.

Beatriz vivia em um palácio com uma madrasta muito malvada.

A linda meca não aguentava mais sua madrasta, então resolveu fugir.

Quando a malvada madrasta soube que Beatriz fugiu, ficou uma fera.

A menina andava sozinha e feliz pra todo lugar, mesmo sabendo que a malvada estava por aí te procurando.

No meio do caminho encontrou uma fada muito boninha chamada Pâmela, que transformou a meca em uma bela e linda princesa.

Passaram-se dias e dias e sua madrasta ainda estava à sua procura, mas pensou com si mesmo:

- Eu não vou mais me importar com ela, não gostava dela mesmo, foi ótimo ela ir embora!

Um dia a princesa resolveu ir a um baile à procura de um príncipe.

Chegando lá, encontrou um belo príncipe, que encontrou ao ver como a meca estava linda, chamou-a para dançar.

A noite foi passando, eles se conheceram melhor e acabaram se apaixonando.

4.3 Atividade a partir de imagem

Figura 19



Como sabemos, ao olhar esta imagem, que se trata de um conto de fadas? Você vai responder nos comentários do blog, conforme as orientações da professora.

Transcrição das respostas dadas pelos alunos no espaço *Comentários do blog*:

- 1- Porque na vida real não existe bruxas que fazem poções.
- 2- porque na vida real não existe esse tal de felizes para sempre
- 3- tem essa imagem porque todo conto de fada acaba em final feliz que nem esse aqui
- 4- Porque se trata de princesa e príncipe de cadás de reis rainhas e castelos
- 5- porque todo conto de fada tem um final feliz que nem esse ai por isso isso é um conto
- 6- É um conto por quê não fala quando aconteceu e não é uma história verdadeira!
- 7- Porque nos sabemos que todos os contos de fadas são fictícios e a imagem mostra muita ilusão ao fundo da imagem com as imagens fictícias...
- 8- por que imaginasao e no final sempre eles viverao felises para sempre
- 9- Sabemos porque tem um príncipe e uma princesa e eles estao abraçados juntos rindo um para outro parecendo que estao felizes ...
- 10- Porque imagens assim só tem em contos de fada como princesa,príncipe,vestido pós magicos que fazem tudo se transformar nun piscar de olhos.

- 11- porque tem um príncipe e princesa e na imagem eles estão bem felizes e sempre nos contos de fadas tudo termina bem!
- 12- Um príncipe e uma princesa estão felizes , igual um conto de fadas , sempre termina bem , com casais felizes
- 13- porque tem um castelo lá no fundo q lembra um conto, porque em alguns contos tem castelo. :D
- 14- Porque tem um castelo no fundo da imagem e tem um príncipe e uma princesa
- 15- era um sapo que se transformou em um príncipe então a gente eles estavam muito felizes de estar junto faz muito tempo que estavam como rei e rainha
- 16- por causa das roupas deles , que na vida real não existem, o brilho como se fosse as estrelas, a imagem e um desenho.
- 17- Na imagem mostra um príncipe e uma princesa e um castelo no fundo
- 18- R: " Por causa que mostra uma mulher com um vestido de princesa, e um príncipe, e também porque muitas pessoas conhecem a história da Cinderela e sabem que é um conto" !
- 19- Sabemos que é um conto de fadas porque no fundo da imagem tem um castelo
- 20- podemos saber porque tem um castelo nas nuvens e o nome do desenho e cinderela e ela tem um sapatinho de cristal
- 21- por causa que eles tinham se casado a muito tempo e por isso
- 22- isso é um conto porque tem muito brilho
- 23- pq ela está de vestido de princesa e ele está vestido de príncipe e os dois dançam até meia noite e os dois se apaixonam

Produção de textos – gênero contos de fada

Figura 20

* * *

A Princesa e o seu grande
Amor.

Era uma vez três irmãs moravam em uma fazenda a irmã mais nova ela adorava ir em um bosque que ficava perto da casa dela.

A moça queria muito se casar mais todo mundo já conhecia a história dela. Ela era uma princesa bonita tinha os olhos verde e os cabelos pretos a princesa gostava muito de animais e também adorava muito de ir ao bosque para ver a linda paisagem.

Um dia a suas irmãs falou para ela que iria fazer uma viagem todo mundo ia junto mais ela ficou muito triste ela não queria viajar com as suas irmãs.

Na outra semana eles chegaram de viagem a princesa foi correndo para o bosque quando ela chegou lá no bosque ela começou a cantar e dançar ela estava muito feliz.

A princesa encontrou no bosque um rapaz muito bonito ela se apaixonou por ele o rapaz deu um beijo na princesa. A princesa se casou com o rapaz foram felizes para sempre.

Figura 21

O príncipe Encontador

Era uma vez um príncipe, que tinha 14 anos e o sonho dele era ter uma morada, mas como ele era muito feio, fido, neglento, nunca conseguiu uma morada.

Depois de muito tempo, quando ele tinha 18 anos, ele encontrou um Mágico que fazia magia negra, o príncipe implorou para ele fazer uma magia para ele se tornar o príncipe mais bonito da cidade onde ele morava e fazer que as garotas gostassem dele. Então o Mágico fez a magia para ele só que o tempo da magia era 24 horas, que era o suficiente para ele achar uma morada, antes que ele fique feio de novo e o feitiço fez que a morada dele, ache ele bonito para sempre.

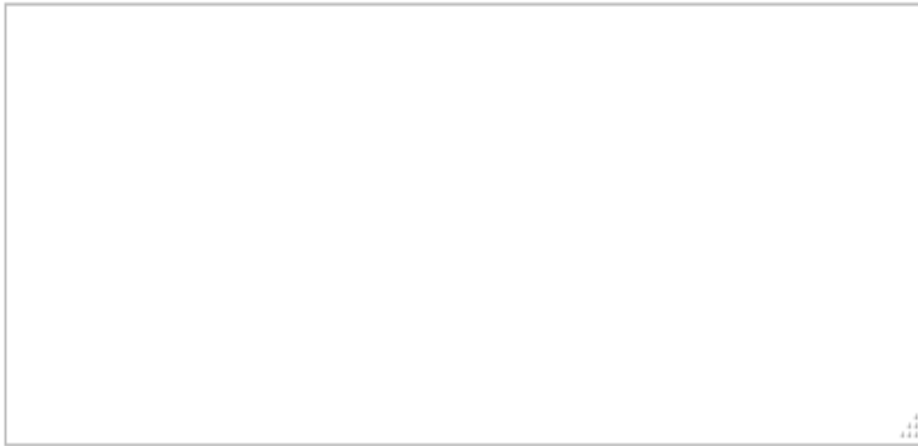
Assim ele fez, conseguiu uma morada, o feitiço acabou e eles viveram felizes para sempre.

Segunda pesquisa: Você e a Leitura

Figura 22

2. Você gosta de ler? Por quê? *

- Sim
- Não

3. Comente sua resposta da questão 2. ***4. Alguém lê em sua casa? Quem? ***

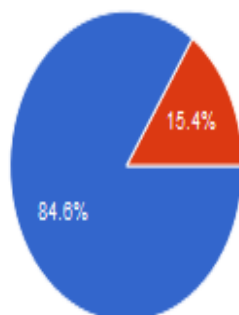
- pai
- mãe
- irmãos
- outro parente
- ninguém lê

5. Que tipo de leitura é realizada? *

- livros
- outros
- revistas
- jornais
- vários

Figura 23

2. Você gosta de ler? Por quê?



Sim **44** 84,6%

Não **8** 15,4%

Figura 24

3. Comente sua resposta da questão 2.

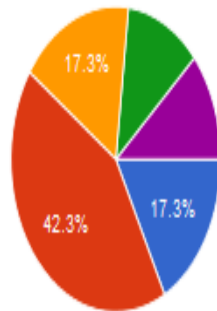
porque eu acho muito interessante
Porque a leitura é importante
por que a leitura é interessante
porque acho legal e divertido imaginar lendo
porque quando a gente le aprendemos mais e mais e e divertido
porque e muito legal e nos aprendemos muito com a leitura consigo viajar em outro mundo e imaginar coisas incríveis. Julia Rodrigues Alves
porque a leitura é importamte

Transcrição das respostas dadas pelos alunos no espaço *Comentários* do blog:

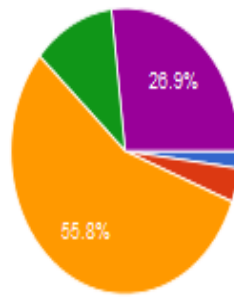
- porque é chato;
- gosto de ler porque cada vez mais que você le, aprende cada dia mais e ler e muito legal;
- pq nos livros tem muitas coisas legais e interessantes;
- porque cada vez que eu leio uma historia vou imaginando na minha cabeça
- eu gosto de ler porque desde que eu tinha nove e dez anos eu ia lá na biblioteca;
- por que é legal;
- por que é chato;
- porque é legal e eu aprendo mas;

- porque eu aprendo mais lendo;
- porque é importante para o futuro e um dia iremos precisar;
- porque é muito importante para a mente;
- porque aprendemos muito mais as letras difíceis e é muito legal;
- pq eu acho chato;
- pr que eu não sei! É muito bem e por isso quero ler mais;
- porque e meio chato perder nosso tempo lendo;
- não porque não consigo me apegar a nada;
- porque é interessante
- porque é muito importante;
- por que e muito importante ler sem a leitura nos não vai ter nada na vida para ser policial não pode falar errado;
- por que não leio muito bem e quero aprender;
- porque eu posso aprender mais e ainda escrevo mais rápido;
- porque eu aprendo a escrever e a falar corretamente. E além do mais é uma diversão para mim;
- por que aumenta meus conhecimentos e desenvolve minha leitura;
- porque e divertido e conhece bastante personagens legais e diferentes;
- Porque gosto muito de ler, nas horas vagas pego qualquer livro e começo a ler, também gosto de ler porque desenvolve a mente e a leitura, e é muito melhor para meu estudo!;
- porque ler me ajuda muito na minha leitura e na escrita, além de ser muito divertido;
- porque quando eu leio eu melhora os meus textos e abro minha imaginação;
- por que é interessante ;
- por que a leitura enriquece e ensina a acentuar as palavras corretamente;
- porque e muito legal e nos aprendemos muito com a leitura consigo viajar em outro mundo e imaginar coisas incríveis

Figura 25

4. Alguém lê em sua casa? Quem?

pai	9	17,3%
mãe	22	42,3%
irmãos	9	17,3%
outro parente	6	11,5%
ninguém lê	6	11,5%

5. Que tipo de leitura é realizada?

jornais	1	1,9%
revistas	2	3,8%
livros	29	55,8%
outros	6	11,5%
vários	14	26,9%

4.4 Análise da pesquisa sobre leitura:

Os dados apresentados mostram que a maioria dos alunos participantes da pesquisa gosta de ler, sendo destes um total de 84,6% e destes apenas 15,4% não gosta. Os motivos para gostar ou não de ler são os mais variados, indo desde a percepção da importância da leitura como de não gostar por apenas achar chato.

É possível verificar ainda a influência da família na formação intelectual destes pequenos leitores, verificando-se as respostas dadas pelos alunos participantes da pesquisa e conclui-se que a leitura acontece no cotidiano familiar e é realizada por diferentes membros da casa, sendo 17,3% feita pelo pai, 42,3% pela mãe, 17,3% é realizada pelos irmãos, 11,5% da leitura em família é feita por outro membro e destes 11,5% não tem nenhum membro da família que realiza atividades de leitura.

As atividades de leitura que acontecem em família, segundo a pesquisa respondida pelos alunos revela que a predominância do tipo de leitura é dos livros, seja eles de ficção, romance ou aventura, num total de 55,8%. Os outros tipos de leitura como jornais (1,9%),

revistas (3,8%), outros (11,5) e todos os tipos citados (26,9%) compõem os demais tipos de leitura.

Ao ser indagados sobre gostar ou não de ler, verifica-se que a maioria dos alunos participantes da pesquisa além de responder que gostam de ler, sabem da importância da leitura, pois as respostas são na maioria relacionadas ao aprendizado escolar, melhora da escrita, da ortografia e da fluência na leitura.

Sobre leitura os PCNs (1998, pg. 69-70) dizem que:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades.

Antunes (2009, pg. 196) fala sobre a leitura em sua perspectiva formativa:

Exerce grande papel de favorecer a ampliação e o aprofundamento de nossos conhecimentos, a competência para a observação, a análise, a reflexão acerca das certezas ou das hipóteses que vamos construindo...

A escola precisa, além de espaços de ensino da leitura, mobilizar-se em torno da criação de espaços e práticas em que a leitura faça sentido como atividade lúdica, prazerosa e importante para a construção do conhecimento sobre si e sobre o mundo. Em ambos os casos, seja como objeto de ensino ou como atividade significativa e essencial em todas as disciplinas do currículo, a leitura na escola deve contar com a presença de mediadores experientes e conscientes da sua tarefa na formação dos leitores jovens e adolescentes. Dessa forma, a escola pode tornar a leitura, além de uma atividade reconhecidamente necessária, uma atividade prazerosa.

A autora ainda fala sobre a importância da figura do professor na formação do leitor, sendo aquele que: (2009, p.202)

Apresenta o livro, que expõe e lê o texto, analisa-o, fala sobre ele, traz notícias sobre os autores, sobre novas publicações; enfim, aquele que transita pelo mundo das páginas, que deixa o rastro de sua experiência de leitor. É o mediador, entre o aluno leitor e o autor do livro...

E ainda cita a importância da família, da sociedade, dos meios de comunicação na formação deste leitor, onde cada um deve assumir sua responsabilidade na promoção da educação e da cultura letrada dos jovens leitores em formação intelectual.

Assim, conclui-se a análise da pesquisa sobre leitura salientando-se a necessidade de atividades escolares que garantam a continuidade do hábito saudável da leitura com a participação da família nestas ações, pois esta é importante na formação intelectual do aluno, que se espelha em um membro familiar que lê bons livros, tem uma opinião coerente e segura sobre qualquer assunto devido às leituras que faz, sendo assim capaz de exercer plenamente sua cidadania.

Terceira Pesquisa: Você e a Internet

Figura 26

1. Você gosta de escrever, de produzir textos? *

- sim
- não

2. Em sua casa, que tipo de texto é escrito? *

se necessário, marcar mais de uma opção

- carta
- receita
- bilhete
- lista de compra
- outros

Figura 27

3. Onde você acessa internet? *

se necessário, marcar mais de uma opção

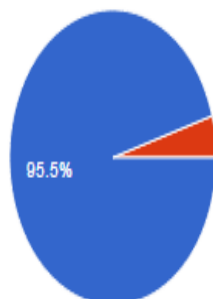
- na escola
- em casa
- na casa de amigos
- na casa de parentes
- outros

4. Você usa a internet para quê? *

se necessário, marcar mais de uma opção

Figura 28

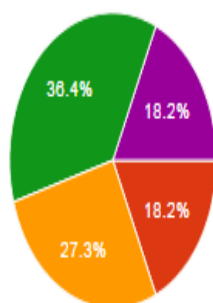
1. Você gosta de escrever, de produzir textos?



sim 21 95.5%

não 1 4.5%

2. Em sua casa, que tipo de texto é escrito?



carta 0 0%

receita 4 18.2%

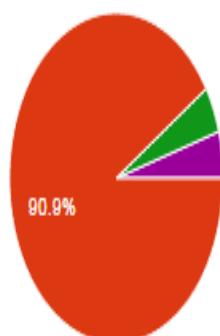
bilhete 6 27.3%

lista de compra 8 36.4%

outros 4 18.2%

Figura 29

3. Onde você acessa internet?



na escola 0 0%

em casa 20 90.9%

na casa de amigos 0 0%

na casa de parentes 1 4.5%

outros 1 4.5%

Figura 30

4. Você usa a internet para quê?

Eu uso a internet, em primeiro lugar para fazer trabalhos, pesquisas e tarefas. Depois eu uso para rede sociais e jogos.

Para passa o tempo, Para ouvir musicas e as vezes para trabalho de escola

Gabriel dos santos mamede 6 A Eu uso a internet para redes sociais e youtube e google

para fazer tarefa trabalho e estudar também uso para redes sociais e brincar

pra fazer trabalhos, pesquisas, ler, jogar etc...

pra fazer trabalho e para ver as coisas que eu não sei

para fazer pesquisas; jogar; ouvir músicas; ver vídeos engraçados e também ver vídeos de experiências EMILIA LANGONE 6ª

Comentários feitos pelos alunos no item *Comentários do blog*:

- Eu uso a internet, em primeiro lugar para fazer trabalhos, pesquisas e tarefas. Depois eu uso para rede sociais e jogos;
- Para passar o tempo, para ouvir musicas e as vezes para trabalho de escola;
- Eu uso a internet para redes sociais e youtube e google;
- para fazer tarefa trabalho e estudar também uso para redes sociais e brincar;
- pra fazer trabalhos, pesquisas, ler, jogar etc...
- pra fazer trabalho e para ver as coisas que eu não sei;
- para fazer pesquisas; jogar; ouvir músicas; ver vídeos engraçados e também ver vídeos de experiências;
- para rede social e ver vídeos;
- tarefas whatsapp twitter facebook ver videos de musica e etc...
- PARA REDE SOCIAL E VIDEOS;
- para se divertir, pesquisar sobre o que se pede na escola e coisas que eu quero;
- para fazer pesquisas da escola, para jogar no computador, também para conversar com as amigas com os primos e etc, e outras coisas;
- Rede sociais;
- Redes sociais, pesquisas, leitura, jogos, vídeos, escrita;

- para acessar redes sociais, fazer pesquisas para trabalhos, jogar etc...
- para estudar para jogar para assistir filmes;
- para aprendizado, conhecimento e entretenimento. Para descobrir coisas novas em todas as áreas, tanto conhecendo, como se entretendo;
- para fazer tarefas e mexer em redes sociais;
- pra ler para fazer trabalhos e pesquisas;
- Para mim e como um passatempo e as vezes para me divertir;
- eu uso para fazer trabalhos pesquisas de escola e me divertir.

4.5 Análise da pesquisa sobre Escrita e Internet:

Observa-se que dentre os membros da pesquisa há um interesse pela produção de texto, sendo 95,5% respondeu de forma positiva a pergunta sobre gostar de escrever textos e apenas 4,5% afirmou não gostar desta atividade. Visto que os hábitos familiares auxiliam na aquisição do gosto pela leitura e escrita, foi indagado aos participantes da pesquisa que tipo de texto escrito era encontrado em suas casas e verificou-se que dos gêneros citados na pesquisa a lista de compra foi a que teve maior ocorrência com 36,4%, seguida do bilhete com 27,3%, a receita e outros tipos de escrita com 18,2% e observa-se que a carta pessoal perde espaço nas famílias, pois não recebeu nenhum voto.

Sobre o local de onde os participantes acessam a *internet*, 90,9% respondeu que utiliza a internet da própria casa e 4,5% usa da casa de parentes ou de outro local. Em sua grande maioria, eles a utilizam para o entretenimento: redes sociais, jogos, conversar com os amigos, ouvir música, assistir vídeos, mas também estudam, fazem pesquisas. Mas a finalidade maior do uso da *internet* é o entretenimento e não a busca de informação ou de formação, de aprendizagem.

Verifica-se assim, citando-se Coscarelli (1999), quando diz-se que o computador, mais do que nunca, está presente em nossas vidas e o novo professor de português precisa estimular seus alunos a refletir sobre o funcionamento da linguagem, refletindo sobre os fatos gramaticais e o uso da língua, fazendo com que os mesmos:

- tenham consciência das diferenças entre língua oral e escrita;
- saibam reconhecer e usar bem os diversos registros da língua oral ou escrita, formal ou informal;
- saibam ler e escrever os mais variados gêneros textuais;

- saibam produzir textos adequados à situação e ao interlocutor a que se destinam;
- tenham o hábito e a capacidade de refletir sobre a linguagem nos seus mais diversos modos de utilização;
- saibam procurar e usar as informações de que precisam.

Conclui-se que o papel do professor deve ser agora o de orientador, aquele que ensina, mas que também aprende ao mesmo tempo que o aluno, ensinando-o a construir o conhecimento, utilizando o senso crítico e a pesquisa.

4.6 Produção de textos – gênero textual fábula

Este gênero textual foi escolhido por tratar-se de um gênero conhecido, tanto sua estrutura quanto seu objetivo comunicativo, assim a interação é facilitada e também por tratar-se de textos curtos, com personagens próximos do mundo infantil, com virtudes e vícios, o que favoreceu a discussão de valores sociais, proporcionando aos alunos à reflexão sobre problemas da vida cotidiana.

Assim, este gênero foi trabalhado com a realização de leituras de várias fábulas e também uma pesquisa dirigida feita pelos alunos sobre o gênero, os principais fabulistas e a estrutura composicional do texto. Assistiram vídeos animados de algumas fábulas e a partir de imagens produziram alguns textos que foram disponibilizados no blog da turma.

Sobre as fábulas Leivas (2011, p.57-58) diz:

As fábulas (lat. *fari* +falar e gr. *Phaó* + dizer, contar algo) são muito antigas. Há referências a elas em textos sumérios datados de 2000 a.C. e consta que eram conhecidas pelos hindus e mais tarde foram aperfeiçoadas pelos gregos, principalmente Esopo, escravo na cidade de Samos, que teria vivido em meados do século VI a.C. Por meio de diálogos entre animais e pelas situações que os envolviam, Esopo transmitia valores e caráter moral ao ser humano. Assim como os contos de fadas, as fábulas foram divulgadas pela tradição oral e passadas de geração para geração. Desde que foram criadas, essas narrativas ajudam o ser humano a tentar buscar respostas para suas indagações.

Assim, verificou-se pelas produções textuais analisadas que os alunos compreenderam a estrutura do gênero trabalhado, pois utilizaram personagens próprios deste tipo de texto bem como a moral no final da história, usada com a finalidade de ensinar algo ao leitor. O principal objetivo ao se escolher este gênero textual foi a facilidade na recepção do texto por parte dos alunos, sendo que assim foi mais fácil focar as habilidade de leitura e aprimorar os conhecimentos textuais como narrador, personagens, tempo e espaço próprios do texto narrativo.

Nesta atividade verificou-se que foi alcançado outro objetivo do trabalho com gêneros, que é o de propiciar a leitura e a produção de textos. Como dizem Schneuwly e Dolz (2004, p.67) aprende-se a escrever, escrevendo. Assim, quanto mais leitura for disponibilizada ao aluno, seja de qual gênero for, melhor leitor ele poderá se tornar e também a presença de diversificadas reproduções das práticas de linguagem levarão ao domínio de um gênero, produzindo-o dentro ou fora da escola e ultrapassando este gênero, utilizando seus conhecimentos em outras situações comunicativas.

Figura 31

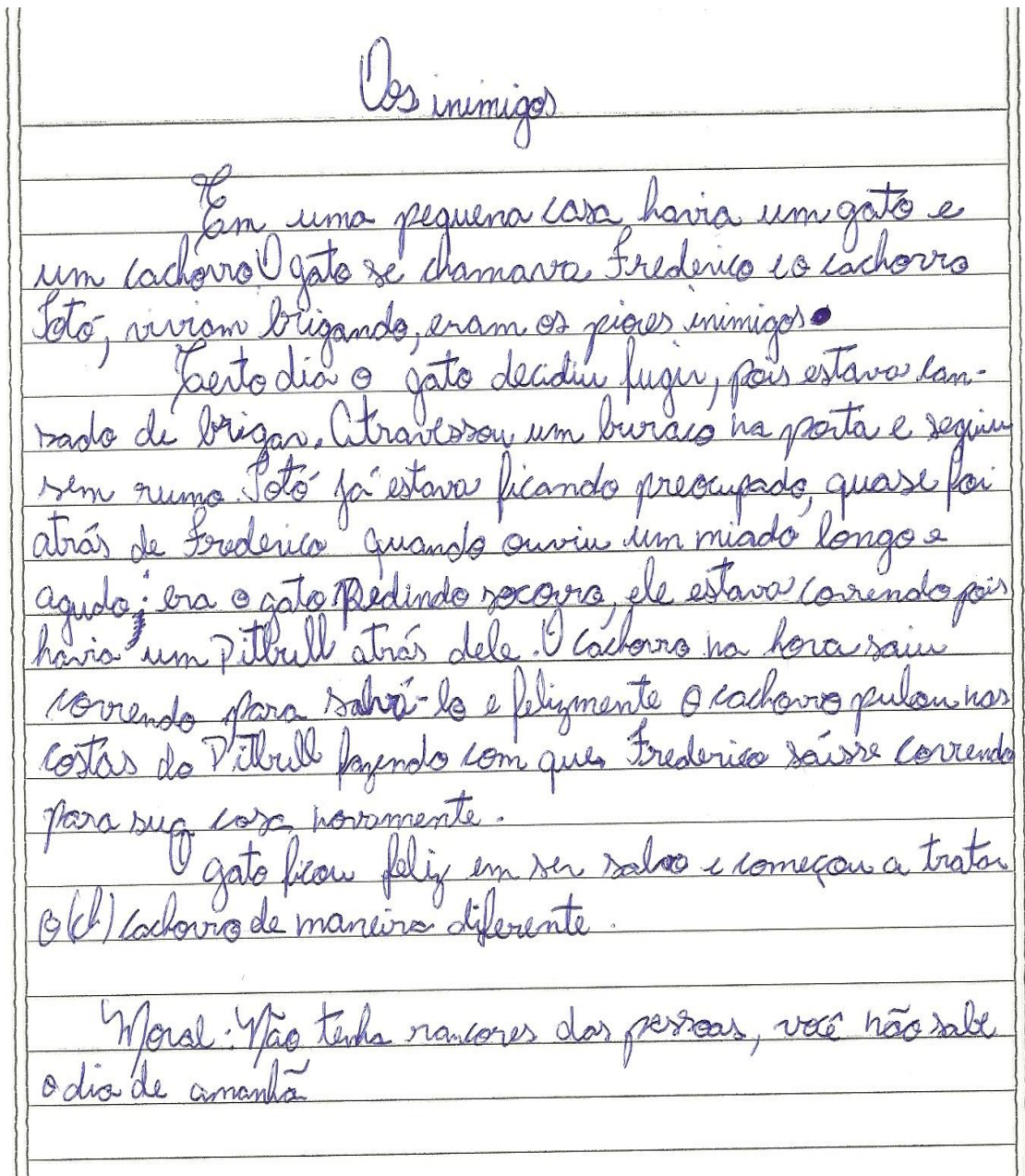


Figura 32

Entre cão e gato

Em uma fazenda, havia um cachorro e uma gata, chamado Dudu e Tuquinha mas eles não eram amigos e sempre estavam brigando. Certa vez um colho ficou preso em uma cerca e eles foram tentar ajudar mas acabaram brigando e tirou uma confusão, na verdade quem ajudou a tirar o animal da cerca foi o seu irmão o dono da fazenda.

Um dia a gata resolveu passear pela mata e um caçador a viu. Quando ele ia atirar, o Dudu entrou na frente e levou um tiro para salvá-la. Tuquinha ficou muito triste quando João viu o cachorro e levou correndo ao veterinário, Dudu passou por algumas cirurgias e tudo ficou bem com a saúde dele. Além disso eles tiveram bons amigos.

Moral: nunca duvide de uma pessoa ela pode te surpreender.

4.7 Produção de textos – gênero textual conto popular

O conto popular (ou folclóricos) segundo definição da Enciclopédia Escolar Britannica (2015) são as narrativas passadas de geração em geração. Elas não têm autor conhecido. Cada história é aumentada e modificada à medida que vai sendo repetida. A autoria é atribuída ao povo (*folk*, em inglês). Daí se origina a palavra folclore. Muitos contos populares são bastante antigos. Passando de boca em boca, não eram escritos. Mantinham-se vivos graças à memória dos contadores de histórias.

No Brasil, alguns contos populares foram trazidos pelos europeus, particularmente da península Ibérica. É o caso das histórias do personagem Pedro Malasartes, que de acordo com a Enciclopédia Escolar Britannica (2015) chegou ao país na bagagem de histórias trazidas pelos povos da península Ibérica (Portugal e Espanha). “Malasartes” vem do espanhol *malas artes* (literalmente, “artes más”), que significa “travessuras” ou, no limite, “malandragens” um astuto herói popular e cheio de artimanhas. Outros contos populares brasileiros se originaram nas lendas e mitos dos povos indígenas e dos escravos africanos. As histórias do boto, da Iara, do curupira, do saci, da Cobra Norato e do menino do pastoreio são só alguns exemplos.

Visto que este trabalho teve como um dos objetivos melhorar as competências de leitura e escrita, este gênero textual foi trabalhado com o intuito de propiciar ao aluno, além do contato com um gênero que teve forte presença do oral, de forma prazerosa e lúdica, estimulando a imaginação e a criatividade, abordando a vida real com uma linguagem clara e acessível, também propiciar aos alunos situações de leituras, seja por links de textos e vídeos no blog da turma, como também nos textos lidos durante as aulas. Por fim, uma das atividades solicitada foi a reescrita do texto para assim exercitar as práticas da escrita.

O conto popular utilizado foi “O contrato com o diabo” e as produções dos alunos veem a seguir:

Figura 33

O contrato com o Diabo

Um fazendeiro chamado Marcos, vivia na fazenda junto de sua esposa que se chamava Isabel. Esse fazendeiro não tinha muita dinheiro por isso não conseguia construir sua fábrica de laticínios.

Num certo dia ele estava andando pela estrada, encontrou um velhinha que lhe disse:

— Não se preocupe com seus problemas. Eu terminarei sua fábrica até o cantar do galo, contanto que me dê uma coisa que você tem, mas ainda não sabe. O fazendeiro que não entendeu muito bem aceitou. Quando ele chegou em casa contou para sua esposa então ela disse:

— Você entregou para o diabo a nossa própria filha!

— Não? Você está grávida? E não era o diabo era um velhinha disse contrariada, então a mulher dele disse:

— Era o diabo disfarçado de velhinha. Então aconteceu com a esposa de Marcos sem dormir direito estava pensando num jeito de não perder seu filho. Então faltando algumas horas para amanhecer levantou toda calma e agiu, foi correndo para fora e imitou o canto do galo tão perfeita que até a própria galinha não acreditava que era ela. Então como o contrato do diabo era até o galo cantar foi embora e nunca mais voltou lá, mas faltando só algumas telhas que nunca foram colocadas a fábrica continuou funcionando e a filha de Marcos e Isabel nasceu e se chamou Gabriel.

Figura 34



O Diabo e o grangeiro

Um belo dia um homem muito pobre chamado José queria construir uma granja para suas galinhas, mas não tinha dinheiro suficiente para construí-la porque tinha muitas despesas na sua fazenda. Ele era batalhador e honesto sempre, pagava suas despesas e tentava comprar as melhores coisas para sua família.

Um dia apareceu um velho oferecendo ajuda para fazer a obra, mas em troca queria o bem mais precioso de José, e José disse:

- Você terá o meu bem mais precioso só se você terminar a obra antes do galo cantar. O velho aceitou a proposta. Quando José contou para sua esposa ela desconfiada falou:

- Porque você fez isso? Agora vamos ter que enterrar nosso filho.

José preocupado nem conseguiu dormir com medo de perder seu filho. Sua esposa ficou muito brava com seu marido por ter feito um pacto com o Diabo. Ela decidiu levantar e ir até o galinheiro, ela imitou o galo perfeitamente, e os outros galos responderam. E o Diabo ainda não havia terminado o grangeiro e foi embora furioso por que ele havia perdido. O José conseguiu terminar a obra porque só faltavam algumas telhas.

4.8 Texto a partir do vídeo *O fazendeiro, o burro e o filho*: organização da atividade

Dando sequência às atividades sobre o gênero conto popular os alunos assistiram ao vídeo que estava *linkado* no blog da turma e depois da análise oral da história foi pedido que os alunos, em sala de aula, reescrevessem a história conforme se lembrassem da mesma.

O objetivo da atividade, além do contato com o gênero conto popular era trabalhar a escrita de texto com base em texto oral, no qual era preciso atentar-se aos detalhes, a memória, atenção, pois a atividade realizou-se por meio de vídeo, mas com a estratégia de contação de histórias.

Os alunos foram instruídos de que poderiam acrescentar detalhes como nomes aos personagens e detalhes do lugar, mas não seria possível alterar os elementos principais da história bem como seu enredo.

Figura 35 - Imagem do Vídeo Conto Popular: O fazendeiro, o filho e o burro

CONTOS POPULARES: O FAZENDEIRO, O FILHO E O BURRO



Atividade: Recontar esta história. Atenção aos recursos que devem ser usados para que você consiga expressar sentimentos por escrito como sons e diálogos, dando, assim, diferentes sentidos ao seu texto.

Postado por Ângela Santos às 11:31 7 comentários: [M](#) [e](#) [t](#) [f](#) [p](#) [g+](#) Recomende isto no Google

Um fazendeiro e seu filho viajavam para o mercado, levando consigo um burro.

Na estrada, encontraram umas moças salientes, que riram e zombaram deles:

- Já viram que bobos? Andando a pé, quando deviam montar no burro?

O fazendeiro, então, ordenou ao filho:

- Monte no burro, pois não devemos parecer ridículos.

O filho assim o fez. Daí a pouco, passaram por uma aldeia. À porta de uma estalagem estavam uns velhos que comentaram:

- Ali vai um exemplo da geração moderna: o rapaz, muito bem refestelado no animal, enquanto o velho pai caminha, com suas pernas fatigadas.

- Talvez eles tenham razão, meu filho, disse o pai. Ficaria melhor se eu montasse e você fosse a pé.

Trocaram então as posições.

Alguns quilômetros adiante, encontraram camponesas passeando, as quais disseram:

-A crueldade de alguns pais para com os filhos é tremenda! Aquele preguiçoso, muito bem instalado no burro, enquanto o pobre filho gasta as pernas.

- Suba na garupa, meu filho. Não quero parecer cruel, pediu o pai.

Assim, ambos montados no burro, entraram no mercado da cidade.

- Oh!! Gritaram outros fazendeiros que se encontravam lá. Pobre burro, maltratado, carregando uma dupla carga! Não se trata um animal desta maneira. Os dois precisavam ser presos. Deviam carregar o burro às costas, em vez de este carregá-los. O fazendeiro e o filho saltaram do animal e carregaram-no. Quando atravessavam uma ponte, o burro, que não estava se sentindo confortável, começou a escoicear com tanta energia que os dois caíram na água."

(Quem a todos quer ouvir, de ninguém é ouvido)

autor desconhecido

Figura 36

Contos populares

O fazendeiro, seu filho, e o luro.

Um belo dia o fazendeiro e seu filho foram passear, quando de repente apareceu um luro com dorso.

Então o fazendeiro colocou seu filho em cima do luro e continuou caminhando ao lado do luro. As pessoas passaram, olharam e estranhavam até que uma mulher tomou coragem e disse:

- Mas que pouca vergonha em carregar um montão de no luro, e um senhor mais velho caminhando.

O fazendeiro concordou, montou em cima do luro e colocou seu filho no chão.

- Mas que pouca coisa foi o senhor de luro, e seu filho, um criança andando a pé.

O fazendeiro, pensou, pensou, pensou até que chegou no seguinte conclusão

- Já sei, iremos os dois montados no luro para que nenhum luro ousar nos falar as coisas.

Pensando que já acabou, o fazendeiro seguiu seu caminho,

quando novamente uma pessoa parou e disse:

- Vocês não tem vergonha? os dois montados nesse animal, vocês que carregam suas coisas nas costas.

Indignado e constrangido o fazendeiro seguiu o trajeto de volta para casa com o luro nas costas.



Figura 37

24/2/20

O fazendeiro, o filho e o burro

O fazendeiro estava indo ao mercado com o burro e seu filho, duas coisas possuíam, e zombaram disse: Onde se viu ter um burro e não montar.

O fazendeiro disse: Eles estão certos, monta no burro, meu filho. Encontraram dois senhores e disseram: Esses jovens de hoje são muito folgados. E o fazendeiro disse:

Eles tem razão como meu filho, dê o lugar para o seu pai. Possuíam duas mulheres com seus filhos e disseram:

Onde se viu o mormão monta no burro e deixando a criança para trás.

O fazendeiro disse: Eles estão certos. Monta meu filho. Na porta frente tinha um fazendeiro e disse: Retado do burro, eles que deve

em coragem. O fazendeiro disse: Como meu filho porque o burro, mata que burro pessoal. Eles chegaram num

carquinha. Eles tinha que atravessa mas o burro começou a dar risos e eles caíram no lago.

5. Considerações finais

Esta dissertação teve por objetivo analisar a utilização dos gêneros textuais orais e escritos através do uso do hipertexto nas aulas de língua portuguesa, como ferramenta motivadora da leitura e capaz de tornar os alunos proficientes produtores de textos. Foram feitos levantamentos do que os alunos participantes da pesquisa – 6º ano do ensino fundamental - já sabiam sobre hipertexto, também se verificou a relação dos mesmos tanto no núcleo familiar quanto escolar com a leitura e as práticas de produção textual e assim foram trabalhados alguns gêneros do domínio do narrar.

Para isso, foram utilizadas as orientações da proposta de ensino dos gêneros orais ou escritos de Dolz e Schneuwly (2004) que deram base à pesquisa fornecendo informações teóricas sobre o planejamento do ensino com gêneros. Também foram utilizadas leituras da proposta didática de Marcuschi (2008-2010) organizada a partir de gêneros textuais e o hipertexto que, como diz Xavier (2004, p.174) a leitura no hipertexto seria literalmente um ato de inteligência, desde que se utilizem adequadamente as múltiplas escolhas que ele oferece.

Este trabalho justificou-se por perceber que a leitura, que deve ser uma prática prazerosa, ainda está longe de ocupar o espaço que deveria na escola. Juntamente com a leitura está a escrita, que conforme diz Marcuschi (2008, p. 16) pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno.

A escrita capacita seus escritores a participar e a comunicar-se em sociedade de forma crítica e autônoma, construindo textos e fazendo-os circular utilizando-se do recurso do hipertexto e dos novos gêneros textuais que propiciam as novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita.

Usar as novas mídias nas aulas de língua portuguesa revelou-se uma atividade por vezes muito difícil, pois a sala de tecnologia da escola em que a pesquisa foi realizada foi apresentando, no decorrer dos trabalhos, inúmeros problemas técnicos, desde a dificuldade com a velocidade da internet quanto à precariedade dos computadores utilizados que nem sempre suportavam o acesso ao blog da turma por todos os alunos ao mesmo tempo. Também houve problemas de sistema ultrapassado do próprio computador, máquinas com vírus e ainda problemas com tomadas e estabilizadores que não funcionavam. Assim, algumas atividades foram realizadas em horário extraclasse, após o aluno receber as orientações em sala de aula, o que comprova que o planejamento é dinâmico e precisa adaptar-se às circunstâncias.

Visto que as atividades organizadas eram diversificadas e com práticas variadas, isto fez com que houvesse interesse e assim maior participação pelas mesmas, fazendo com que os

alunos lessem muito, vários gêneros, levando-os a uma maior procura pela biblioteca da escola. As atividades a partir dos links também propiciaram práticas de produção de texto, tímidas muitas vezes, mas que cumpriram um dos objetivos do trabalho que era desenvolver práticas de leitura e escrita, tornando os alunos leitores mais motivados e produtores de textos mais eficientes.

O uso do hipertexto como recurso para as atividades de leitura e escrita mostrou-se muito eficaz, pois os alunos têm grande receptividade e familiaridade com esta ferramenta, assim as atividades, mesmo aquelas realizadas pela primeira vez como foi o caso do blog e seus recursos, foram bem aceitas e facilmente realizadas. É preciso lembrar-se de que alunos nesta faixa etária estão sempre prontos a aprender, principalmente se há um recurso midiático envolvido, assim explorar esta ferramenta é mais do que eficaz.

É preciso que o professor de língua portuguesa, que lida diretamente com o ensino da língua materna, perceba que há uma mudança nas práticas de leitura e escrita, bem como uma mudança dos textos e também dos suportes dos novos gêneros textuais que estão em circulação na sociedade atual e que estes podem, se inseridos no espaço escolar, ser de grande contribuição para o avanço da formação de leitores e produtores de textos mais críticos, autônomos, conscientes do que leem e com condições de interagir nas diversas situações comunicativas utilizando-se das habilidades necessárias para a produção de textos orais ou escritos, midiáticos ou não.

Referências:

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. Tecnologia de informação e comunicação na escola: novos horizontes na produção escrita; Ensaio. Avaliação e Políticas Públicas em Educação. 2004

ANTUNES, Irandé. Língua, texto e ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009

AQUINO, M. C..Soltando as amarras: Cooperação via hipertexto na Web 2.0. III Congresso ONLINE OCS - 2006. Disponível em: http://www.uesc.br/revistas/calea/edicoes/rev1_artigo6.pdf acesso em: 23/04/15

BITTAR, João. Todos pela Educação. In. Reportagem Todos pela Educação. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/30852/48-das-escolas-publicas-brasileiras-nao-tem-computadores-para-os-alunos/> acesso em 28/04/15

CEIA, Carlos: s.v. “Mímese”, E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.edtl.com.pt>>, consultado em 05-08-2015

Conto Popular. In Britannica Escola Online. Enciclopédia Escolar Britannica, 2015. Web, 2015. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/481300/conto-popular>>. Acesso em: 28 de maio de 2015.

COSCARELLI, C. V. A nova aula de português: o computador na sala de aula. Presença Pedagógica. Belo Horizonte, mar./abr., 1999.

DIAS, Anair Valênia Martins. In Multiletramentos na Escola. ROJO, Roxane H. e MOURA, Eduardo. (orgs.) São Paulo: Parábola Editorial, 2012

FARIA, Susan. Núcleos de tecnologia educacional estão em todo o País. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=7590 acesso em: 04/05/15

FEITOSA, Aparecida Campos; PELISÃO, Marlúcia Salim; SOUZA, Maria Aparecida Ferreira de Melo. Tecnologias na Educação em Espaços Sul- Mato- Grossenses: Implantação, Implementação e Perspectiva de Futuro. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/linksCursosMateriais.html?categoria=360> Acesso em 25/04/15

GANCHO, Cândida Vilares. Como analisar narrativas. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2876> acesso em 03/05/15

KLEIMAN, Ângela. Preciso ensinar o letramento – não basta ensinar ler e escrever. Campinas: Cefiel - Unicamp; MEC, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça. Ler e escrever: estratégias de produção textual. 2. Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

LEIVAS, Antero. As fábulas e os contos de fada. Conhecimento prático: literatura. São Paulo: Escala Educacional, n. 34, jan. 2011. p.57-8 *in* TAVARES, Rosemeire Aparecida Alves; BRUGNEROTTO, Tatiane Conselvan. Vontade de saber português, 6º ano, 1ª ed. São Paulo: FTD, 2012

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. Rio de Janeiro: Ed 34.

MARCUSCHI, L. A. e XAVIER, A. C. (orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de comunicação de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B., SIEBENEICHER, B. Gêneros textuais: reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

_____. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. Linguagem & Ensino, Vol. 4, Nº 1, 2001, p. 79-111.

_____. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 9 Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Gêneros textuais & Ensino. In: Angela Paiva Dionisio et al (orgs.) Gêneros textuais & ensino. São Paulo: Parábola, 2010

MORAN, José Manuel. A educação a distância, mais focada em pesquisa e colaboração. Publicado em FIDALGO, Fernando (Org.). Educação a Distância: Meios, Atores e Processos. Belo Horizonte: CAED-UFMG, 2013, p. 39-51.

Disponível em:

http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_online/pesquisa_e_colaboracao.pdf
acesso em: 02/05/15

_____. Entrevista ao site educarede em 21 de maio de 2013. Disponível em: <http://www.rea.net.br/educarede/2013/05/21/jose-manuel-moran/> Acesso em 01/06/15

NEVES, Maria Helena de Moura. Que gramática estudar na escola? 4. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 1998.

Pedro Malasartes. In Britannica Escola Online. Enciclopédia Escolar Britannica, 2015. Web, 2015. Disponível em: <http://escola.britannica.com.br/article/483447/Pedro_Malasartes>. Acesso em: 05 de junho de 2015.

PEREIRA, Patrícia. Educação para o futuro. In. Revista Escola Pública. Ed. 43. 2015. Disponível em: <http://revistaescolapublica.uol.com.br/textos/36/educacao-para-o-futuro-302282-1.asp> acesso em 28/04/15

ROJO, Roxane. Escola conectada – os multiletramentos e as TICs. Parábola Editorial. Edição 2013.

_____, Roxane. Desafios dos (multi)letramentos nas nuvens. *Revista na Ponta do Lápis*, ano IX, nº 22, agosto de 2013.

_____, Roxane e MOURA, Eduardo.(orgs). Multiletramentos na escola. São Paulo. Parábola Editorial, 2012.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Luis Fernando Machado de Carvalho e. O Hipertexto e suas quebras: uma abordagem do texto não-linear na web. Disponível em: http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/am625_2003/Luis_Fernando_artigo.html

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros - 3. ed. -Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TAVARES, Rosemeire Aparecida Alves; BRUGNEROTTO, Tatiane Conselvan. Vontade de saber português, 6º ano, 1ª ed. São Paulo: FTD, 2012

Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002. (acesso em 22/05/14)

TOKARNIA, Mariana. Prova Brasil: é preciso metas claras para o ensino, dizem especialistas. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2014/12/15/prova-brasil-e-preciso-metas-claras-para-o-ensino-dizem-especialistas.htm> acesso em 10/05/15